

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

GISELE DA COSTA LIPIMAM PEREIRA

***AUNTIE LOLA'S CHAMPION CHALAKILES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
TRADUÇÃO DO CONTO CHAMORRO E SUAS MARCAÇÕES CULTURAIS***

Porto Alegre

2022

GISELE DA COSTA LIPIMAM PEREIRA

***AUNTIE LOLA'S CHAMPION CHALAKILES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
TRADUÇÃO DO CONTO CHAMORRO E SUAS MARCAÇÕES CULTURAIS***

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português e Inglês – pelo curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ian Alexander

Porto Alegre

2022

GISELE DA COSTA LIPIMAM PEREIRA

AUNTIE LOLA'S CHAMPION CHALAKILES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO
DO CONTO CHAMORRO E SUAS MARCAÇÕES CULTURAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras obtendo conceito **A**.

Porto Alegre, 7 de outubro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ian Alexander
Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Karina de Castilhos Lucena
UFRGS

Profa. Dra. Denise Regina de Sales
UFRGS

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Tânia e a minha irmã, Tanise, pelo amor, carinho, incentivo e apoio incondicional. Não teria chegado até aqui sem vocês.

À minha melhor amiga, Ândrea, que me apoiou e me tranquilizou.

Ao Ian, que me apresentou Guam e é uma das melhores pessoas que já conheci.

Aos meus letristas favoritos, Lucas, Amanda e Cristina, por terem sido os meus pilares na graduação.

À minha melhor amiga, Karen, por todas as conversas e risadas nestes 12 anos de amizade.

À minha tia Mara e prima Nicolle, por sempre estarem presentes.

Ao Instituto de Letras e aos maravilhosos professores que tive durante estes anos.

À UFRGS, por ter oportunizado tudo isso.

RESUMO

Este trabalho busca discorrer a respeito da necessidade de uma nota de apoio para a leitura da tradução do conto chamorro *Auntie Lola's Champion Chalakiles* (2019) da autora Charissa Lynn Atalig Manibusan. A partir da análise do primeiro processo tradutório deste conto, será discutida a importância de uma nota de apoio para a segunda versão deste texto, levando em consideração as marcações culturais encontradas após as pesquisas sobre Guam, ilha da Micronésia onde a história se passa. O objetivo do presente trabalho é discutir a respeito de como estas marcações exigem que o leitor tenha alguns conhecimentos prévios acerca da cultura retratada no conto para que, assim, seja possível trazer ao leitor a mensagem que a autora chamorro procura trazer em seu conto. Para a tradução, foram consideradas as afirmações de Mattos (1983) sobre tradução cultural de Vizenor (1995) a respeito de tradução de literaturas nativas. A partir destas teorias e das pesquisas feitas sobre a ilha e o seu povo foi possível visualizar a importância de manter os aspectos culturais na tradução, assim como a necessidade de uma nota de apoio para acompanhar esta tradução com informações sobre a ilha de Guam, os seus costumes, suas tradições e sua língua.

Palavras-chave: Tradução de literatura da Micronésia; Guam; Chamorro; Tradução cultural.

ABSTRACT

This study aims to discuss the necessity of a support note for the reading of the Chamorro short story *Auntie Lola's Champion Chalakiles* (2019) written by Charissa Lynn Atalig Manibusan. From this analysis of the short story's first translation process, the importance of a support note to the reader for the second version of the translation will be debated, taking into consideration the cultural marks found after the research about Guam, a Micronesia island where the story is set. The goal of this work is to discuss how these marks demand from the reader some previous knowledge about the culture represented in the short story so it is possible to bring the message that the Chamorro writer tried to bring in her story. To translate the text, statements by Mattos (1983) regarding cultural translation and by Vizenor (1995) about native literature translation were taken into consideration. From these theories and the research made about the island and its people, it was possible to measure the need to keep the cultural aspects in the translated text as well as the necessity of a support note for it to follow this translation with some information about Guam, their habits, their traditions, and their language.

Keywords: Translated Literature from Micronesia; Guam; Chamorro; Cultural Translation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Micronésia em comparação com o Brasil	12
Figura 2 - Comparação de Guam com o Lago Guaíba	13
Figura 3 - Mapa da Micronésia	14

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Línguas faladas na Micronésia

15

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
GUAM E A MICRONÉSIA	12
2.1 A língua chamorro	15
2.2 O povo chamorro	16
2.3 Colonização espanhola em Guam	17
2.4 Colonização estadunidense em Guam	19
O TEXTO DENTRO DA ANTOLOGIA	23
3.1 As palavras do chamorro nos textos da antologia	23
3.2 Os recursos utilizados nos textos para as marcações culturais	25
A TRADUÇÃO DE AUNTIE LOLA'S CHAMPION CHALAKILES	28
4.1 A primeira tradução do conto e a segunda versão	28
4.2 Repensando a cultura chamorro no texto e o leitor	30
4.3 Por que precisamos de uma nota de apoio para a tradução	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
ANEXO A – Tradução de Auntie Lola's Champion Chalakiles	38
ANEXO B – Nota de apoio para Auntie Lola's Champion Chalakiles	52

1. INTRODUÇÃO

Todo tradutor, durante o processo de tradução, possui conhecimento que existem alguns aspectos que precisam de cuidados. Aspectos como terminologia, gramática, público-alvo, equivalência, mas também existe um que é fundamental em muitas traduções, o aspecto cultural. Neste trabalho, irei discorrer sobre o meu próprio processo de tradução do conto que retrata a cultura chamorro, mas é escrito predominantemente em inglês, *Auntie Lola's Champion Chalakiles* (2019) da Charissa Lynn Atalig Manibusan. Irei comparar a minha primeira tradução deste conto com a segunda versão após pesquisas sobre Guam e o seu povo. Também, irei analisar como as duas línguas presentes no conto e a escolha da autora de manter essas duas línguas diferentes com notas de rodapé explicativas influenciaram a minha tradução. Assim como irei discutir a respeito da necessidade de uma nota de apoio para a leitura da tradução deste texto, levando em consideração os aspectos culturais intertextuais e intratextuais que a autora busca manter bastante marcados na sua obra. Entretanto, antes de discutir sobre estes aspectos do meu processo tradutório, acredito que seja necessário, primeiramente, discorrer sobre como cheguei até este conto.

Nunca havia tido nenhum contato com alguma literatura da Micronésia, conheci a obra de Manibusan através da disciplina Tradução do Inglês IV, ministrada pelo professor Ian Alexander, meu orientador neste trabalho. *Auntie Lola's Champion Chalakiles* (2019) é um conto que faz parte da antologia *Indigenous Literature from Micronesia* e conta a história de Isa, uma menina da ilha de Guam que se muda para os Estados Unidos para estudar. No início do conto, ela volta para casa e durante a sua volta, sua Titia Lola a ensina a fazer um famoso prato da ilha, os Chalakiles, que é uma sopa de frango e arroz. Na primeira vez que li o conto, não prestei muita atenção aos detalhes e a história que Manibusan estava querendo contar ao seu leitor, li o texto pensando em como iria traduzi-lo. Enquanto lia as palavras escritas pela autora pensava nas estruturas que teria que mudar para deixar a leitura mais fluida, quais adaptações seriam necessárias a respeito da cultura que estava sendo apresentada naquele conto, porém, enquanto estava lendo o conto desta maneira, não percebi o quanto estava fazendo aquilo da forma errada.

Durante o curso, e nas disciplinas que havia cursado anteriormente a esta, sempre havíamos discutido sobre como devemos considerar quem é o nosso público-alvo durante o processo de tradução. Como sempre devemos ter cuidado com as palavras escolhidas no texto traduzido, já que queremos que o leitor consiga ter uma leitura extremamente fluida, onde ele não precise ficar parando no meio da leitura para pesquisar pelos termos e palavras presentes no texto. Entretanto, percebi quando terminei a leitura do conto pela primeira vez, que estava pensando naquele texto de maneira totalmente errada. Então, decidi ler a obra de Manibusan novamente, mas não pensando em como eu iria traduzir cada aspecto apresentado pela a autora, iria ler como lia para as disciplinas de literatura, já que antes de ser um que eu iria traduzir, *Auntie Lola's Champion Chalakiles* era exatamente isso: literatura de um lugar que eu não tinha nenhum conhecimento sobre.

Quando li o conto pela segunda vez, procurei não pensar em como iria traduzir e isto fez com que eu tivesse uma leitura completamente diferente da primeira. Nesta segunda leitura, não vi as palavras em chamorro e em espanhol como palavras que poderiam facilmente serem traduzidas para o português e apenas serem acompanhadas de uma nota de rodapé com a tradução. Refleti sobre a razão para elas estarem ali. A razão pela qual a autora escolheu trazer uma segunda e terceira língua para o texto. Pensei em Guam e em como eu não conhecia nada sobre aquele lugar, sequer sabia onde ele ficava no mapa. Então, decidi que antes de fazer escolhas em relação a tradução daquele conto, eu iria, primeiramente, entender mais o lugar onde a história se passava, tentar entender por que a autora havia optado por utilizar em um conto, escrito predominantemente em inglês, o espanhol e o chamorro.

Após pesquisas sobre Guam, que descobri ser uma ilha da Micronésia e o chamorro a língua nativa da ilha, comecei a ver com outros olhos o que uma vez eu havia entendido como uma cultura que poderia ser facilmente adaptada para o melhor entendimento do meu possível público-alvo. Após entender um pouco melhor, mas não o suficiente sobre Guam, consegui entender um dos motivos pelos quais a autora optou por deixar estes aspectos culturais no conto e apenas adicionar notas de rodapé com as explicações e traduções e, também, consegui entender que para conseguir compreender completamente a mensagem por trás daquele conto seria necessário ter certo conhecimento sobre o local no qual a história se passava.

Portanto, após chegar a conclusão da necessidade de conhecer melhor Guam, sua cultura e seu povo para poder fazer uma tradução em que a mensagem, ou os aspectos que a autora buscou apresentar em seu conto, possam ser transmitidos para o leitor, optei por traduzir o conto mantendo isto em mente. Procurei manter na tradução apresentada para esta disciplina a cultura, a saudade e a sensação de se sentir em casa que a autora trouxe para o leitor. Para esta primeira versão do conto

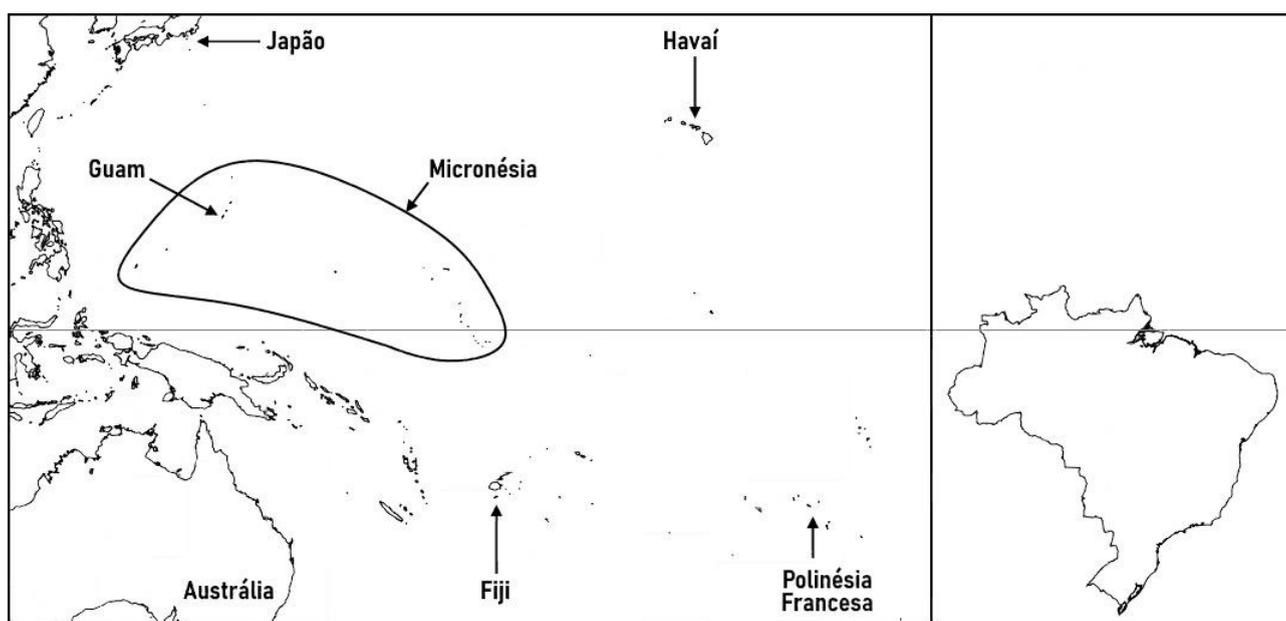
optei por manter as palavras do chamorro e do espanhol, que havia entendido como os únicos aspectos culturais presentes do texto e, assim como a autora, utilizar as notas de rodapé para traduzir as palavras das outras línguas.

Sendo assim, após este primeiro processo de tradução do conto *Auntie Lola's Champion Chalakiles*, decidi pesquisar mais sobre Guam e sua cultura e como, de fato, estes aspectos tão presentes no conto poderiam afetar a minha tradução final da obra. Desta maneira, busco neste trabalho apresentar meu próprio processo tradutório deste conto após estas pesquisas e como optei por adicionar uma nota de apoio junto com a tradução ao invés de utilizar apenas as notas de rodapé como fiz na primeira versão desta tradução.

2. GUAM E A MICRONÉSIA

Para entender melhor as marcações culturais presentes em *Auntie Lola's Champion Chalakiles*, precisei pesquisar mais sobre a cultura de Guam, seu povo, seus costumes e sua língua, que estavam tão presentes no texto. Como não tinha nenhum conhecimento sobre onde a ilha ficava localizada no mapa, comecei por esta parte. Guam é uma das ilhas que fazem parte da Micronésia, que significa “ilhas pequenas” (SHVILI, 2020). Esta região fica localizada “no oeste do Oceano Pacífico, a leste das Filipinas, a oeste da Polinésia, ao norte da Melanésia e ao sul do Japão”¹ (SHVILI, 2020, tradução minha). A Micronésia possui 2.000 pequenas ilhas, algumas já são países independentes como os Estados Federados da Micronésia, mas Guam, lugar onde o conto se passa e de onde a autora também veio, é território estadunidense. Abaixo segue uma imagem do mapa da Micronésia para podermos visualizar melhor a localização das ilhas:

Figura 1 - A Micronésia em comparação com o Brasil



Fonte: Acervo do orientador

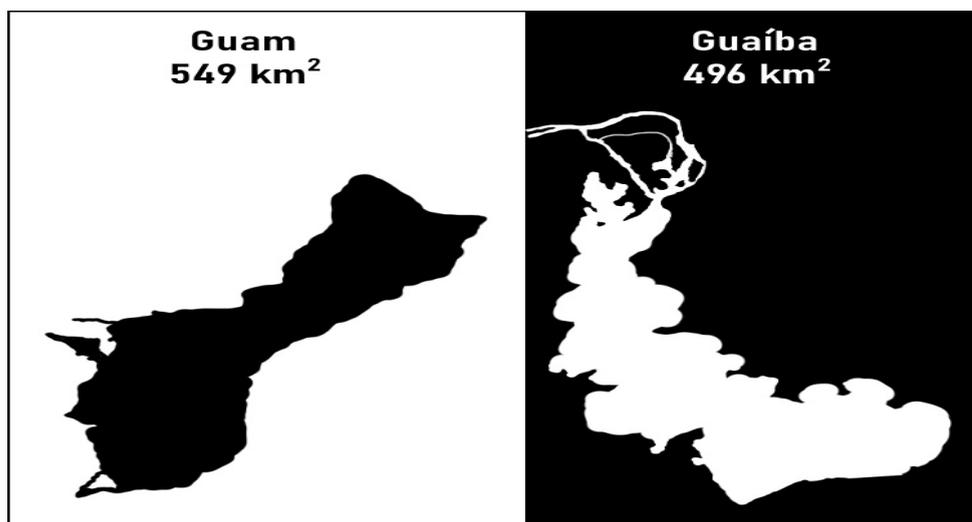
Como o mapa elaborado pelo meu orientador, Ian Alexander, nos permite visualizar, a região da Micronésia possui diversas ilhas e possui tamanho similar ao do Brasil, entretanto, enquanto a maior parte do Brasil é terra, a Micronésia é oceano. Consegui visualizar melhor quando comparei o tamanho total das áreas dos dois locais, o Brasil mede 8.547.403 km², conforme

¹ “is located in the western Pacific Ocean, east of the Philippines, west of Polynesia, north of Melanesia, and south of Japan.”

apontam os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Enquanto isso, todo território da Micronésia possui uma área de terra de 2.700 km², se for levado em consideração a água em volta das ilhas, a área total fica em 7.400.000 km², apontam os dados da Wikipédia (2022). Portanto, se compararmos a área de terra da Micronésia com o Brasil é possível visualizar o quanto a região é pequena, ela possui uma área maior de água na volta das ilhas do que território de fato.

Enquanto a Micronésia mede 2.700 km², Guam é a maior ilha da região, medindo por volta de 549 km². Uma comparação que podemos fazer para melhor visualizar, é compararmos a área total de Guam com o Guaíba, lago da região metropolitana de Porto Alegre. O lago possui área de 496 km², informa o Departamento Municipal de Água e Esgotos da prefeitura de Porto Alegre. Como podemos ver na figura 2:

Figura 2 - Comparação de Guam com o Lago Guaíba



Fonte: Acervo do orientador.

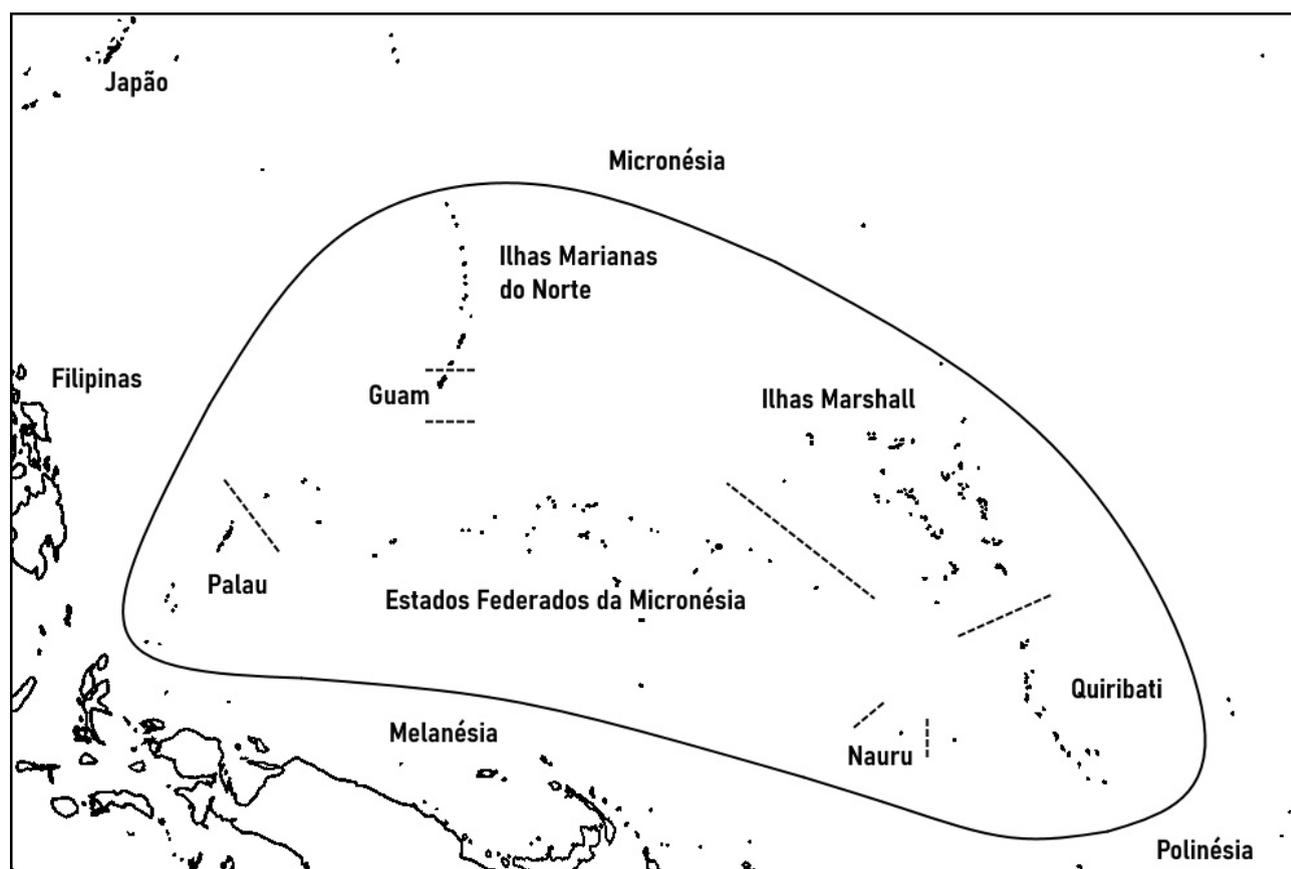
Esta comparação me ajudou a entender melhor a dimensão da ilha que é o foco do conto deste trabalho. Porém, mesmo que a região seja considerada pequena, é importante considerar estas medidas a partir do ponto de vista das pessoas que moram nestas ilhas, para eles a ilha é o mundo todo. Na Constituição dos Estados Federativos da Micronésia foi expressada essa ideia, “nosso próprio mundo é uma ilha”² (1975, tradução minha). Sendo assim, enquanto eu estava pesquisando sobre o tamanho desta região e chegando à conclusão de que pode ser considerada pequena, para os moradores ela é enorme, é a história e o lar deles.

A partir destas comparações consegui entender melhor alguns aspectos da Micronésia e de Guam, como as línguas faladas nessas regiões, por exemplo. Como Guam, e a própria Micronésia,

² “our world itself is an island”.

podem ser consideradas um território pequeno, presumi, erroneamente, que talvez a mesma língua, ou variações da mesma língua, fossem a língua oficial da região. Entretanto, a Micronésia possui diversas línguas oficiais, cada ilha possui sua própria língua.

Figura 3 - Mapa da Micronésia



Fonte: Acervo do orientador.

Acima temos um mapa com apenas a região da Micronésia e as ilhas que fazem parte desta região. Destes sete grupos de ilhas que estão marcadas no mapa feito pelo meu orientador, dois são territórios estadunidenses, Guam e as Ilhas Marianas do Norte e cinco são países independentes, Nauru, Quiribati, Palau, Ilhas Marshall e os Estados Federados da Micronésia. Os Estados Federados da Micronésia (EFM) é um país composto por 607 ilhas, mas as maiores ilhas do país são: Chuuk, Kosrae, Yap e Pohnpei. Antes de ser um país independente, os EFM eram território estadunidense até 1979, assim como outras ilhas da região e por esta razão, diversas ilhas da Micronésia têm o inglês como uma das línguas oficiais. Porém, como os Estados Federados da

Micronésia possui estas quatro estados, o país possui outras línguas oficiais que são faladas em cada uma das ilhas, como podemos visualizar melhor na Tabela 1:

Tabela 1 - Línguas faladas na Micronésia

País / território	Estado	Principal idioma
Estados Federativos da Micronésia	Chuuk	chuqueso
	Pohnpei	pohnpeiano
	Kosrae	kosreano
	Yap	yapês
Ilhas Marshall		marshallês
Quiribati		gilbertino
Nauru		nauruano
Palau		palauano
Guam		chamorro
Ilhas Marianas do Norte		chamorro

Fonte: Website Britannica.

Como podemos ver acima, diversas línguas são faladas na Micronésia. Como os Estados Federativos da Micronésia é um país composto por muitas ilhas, existem várias línguas sendo faladas na região, já que são diversas ilhas que fazem parte de um único país. Já em Guam e nas Ilhas Marianas do Norte, territórios estadunidenses atualmente, a língua oficial, além do inglês, é o chamorro, língua que está presente no conto que traduzi para este trabalho.

2.1 A língua chamorro

Uma das línguas oficiais de Guam é o chamorro. O chamorro é considerado uma língua austronésia, entretanto, a relação do chamorro com as outras línguas desta família é desconhecida (CHUNG, 2020, p. 3), especialmente porque a língua possui alguns empréstimos do espanhol. “A língua teve muitos empréstimos do espanhol durante o período colonial. Os empréstimos incluem numerais, termos de parentesco e palavras para certos aspectos do ambiente natural”³ (2020, p. 3, tradução minha) explica a professora Sandra Chung no livro *Chamorro Grammar*. Sendo assim, o

³ “The language borrowed extensively from Spanish during the Spanish colonial period. The borrowings include numerals, kin terms, and words for certain aspects of the natural environment.”

chamorro é considerado uma língua austronésia, mas possui empréstimos do espanhol porque passou mais de três séculos sob domínio espanhol e, como a maioria das colonizações, a língua foi afetada por este período. Sandra Chung (2020, p. 3) defende que mesmo tendo estes empréstimos na língua, o chamorro tem “uma estrutura linguística intrincada que é claramente austronésia”⁴ (2020, p. 3, tradução minha). Enquanto isso, o geógrafo norte-americano Doug Herman (2017) aponta que a estrutura do chamorro foi mantida, mas 55% do vocabulário da língua vem do espanhol.

Além disso, existem duas formas de escrever “chamorro”. A Comissão de Língua CHamoru e Ensino da História e Cultura do Povo Indígena de Guam explica que eles optam pelo uso de “CHamoru” porque no alfabeto da língua não existe ‘c’ ou ‘z’ e nem o uso dos dois ‘rr’ do espanhol. Sendo assim, para cobrir o som /'tch'/, eles juntaram as letras ‘CH’ para representar esse som, as duas letras formam apenas uma letra e, conseqüentemente, apenas um som. Como as duas letras juntas representam apenas uma, podemos ver ‘chamorro’ escrito como ‘CHamoru’, como podemos ver em alguns textos da antologia.

Desta forma, as palavras em *Auntie Lola's Champion Chalakiles* que originalmente pensei serem do espanhol, descobri, depois destas pesquisas que, na verdade, fazem parte do chamorro. Sendo assim, na verdade, o conto não possui três línguas como concluí erroneamente na primeira vez, e sim duas: o chamorro e o inglês. As palavras que julguei serem do espanhol realmente tem uma ligação com a língua, mas elas fazem parte do chamorro.

2.2 O povo chamorro

Chamorro é o nome de uma das línguas nativas de Guam, mas também é o nome que o seu povo é chamado. Entretanto, este não foi sempre o nome do povo da ilha. Anteriormente, o povo se chamava “*Matao*”, o autor Leonard Z. Iriarte (2019, p. 49) explica na nota de rodapé do seu poema *Manotohge Hit / We Stand* que o termo “chamorro” foi criado após o contato europeu. Isso acontece, também, porque nos primeiros anos de colonização espanhola, houve muitas guerras entre o povo e os militares espanhóis e, como resultado, apenas 10% do povo sobreviveu. A partir disso, os espanhóis começaram a trazer povos das outras ilhas da Micronésia para Guam e, por esta razão, o povo se chama “chamorro” apenas após o contato europeu, apontam os estudos de Herman (2017).

⁴ “Chamorro has an intricate linguistic structure that is clearly Austronesian.”

A Comissão de Guam em uma nota explicativa a respeito da gramática de Chung, explica que o nome “chamorro” foi dado pelos espanhóis, possuindo três possíveis significados “careca, tosado e pernil de boi”⁵ (tradução minha). Porém, o povo decidiu usar o nome dado como “um ato de construção da nação”⁶ (tradução minha) e usar chamorro tanto para o nome do povo quanto para a língua falada naquele lugar. Portanto, a língua chamorro é uma língua que teve contato com o espanhol e por essa razão possui alguns empréstimos, como visualizarmos melhor nas próximas seções deste trabalho, mas também é o nome dado pelo colonizador para um povo, que buscou através do novo nome criar sua própria identidade.

2.3 Colonização espanhola em Guam

Guam (também chamada em chamorro de Guåhån) foi invadida e colonizada pela Espanha a partir de 1521. O povo chamorro teve guerras com a Espanha durante esses anos de colonização, perdendo muitos chamorros para a guerra contra a Espanha e as doenças causadas em consequência, apontam os estudos de Herman (2008, p. 633).

Quando os colonizadores chegaram em solo chamorro, os nativos foram obrigados a aprenderem a religião, a cultura e os costumes deles. Porém, como Guam não era o principal foco dos espanhóis e também não era vista por eles como uma grande “conquista”, os chamorros conseguiram adaptar sua religião, sua cultura e, também, sua língua. Os chamorros conseguiram manter “o estilo das casas, os rituais e a língua falada pela maioria dos chamorros que mesmo hoje reflete a continuação da cultura chamorro” (HERMAN, 2008, p. 633, tradução minha). Sendo assim, apesar de terem sido colonizados pelos espanhóis, Guam conseguiu manter seus aspectos principais durante todos esses séculos, sendo um exemplo a língua, que como mencionado acima, inseriu as palavras do espanhol no seu vocabulário.

Entretanto, apesar de ter conseguido manter aspectos da sua cultura durante a colonização espanhola, isso não faz com que este período tenha sido tranquilo em Guam. Houve muitas mortes, conforme aponta o trecho abaixo de Nikkie de Jesus Cushing em seu conto *A Journey of CHamoru Self-Discovery* (2019):

Quando os espanhóis invadiram Guam a partir de 1521, havia pelo menos 50.000 de nós chamorros. Depois de dar comida e água aos espanhóis, que precisavam desesperadamente para sobreviver, meus ancestrais se tornaram alvos de hostilidade, doenças e desastres naturais. Então havia apenas 4.000 chamorros. Esse foi apenas o começo da subjugação da

⁵ “bald, shorn and beef shank.”

⁶ “how we call ourselves is truly a nation-building act.”

minha cultura por uma potência colonial após a outra. (CUSHING, p. 267, 2019, tradução minha)⁷

Portanto, a colonização espanhola em Guam, assim como em outras colonizações, teve muitas tragédias envolvidas. O reconto de Baltazar Aguon, *I dos Amantes* (2019), reconta uma famosa lenda de Guam, *Puntan Dos Amantes*, em chamorro e *Two Lovers Point*, em inglês. Na obra de Aguon, Isa, filha de um capitão espanhol (Antonio) com uma mulher chamorro (Sirena), descobre que sua mão foi prometida a um espanhol. A mãe da menina não concorda com a situação e é possível ver através do conto que apesar de os espanhóis terem invadido Guam e o povo chamorro ter se adaptado às mudanças, a questão dos povos era extremamente separada. Em um dos trechos, Antonio explica o motivo pelo qual a união da filha com um espanhol seria tão boa: “Esta união trará prestígio à nossa família. Pense nisso. Isa vai morar na Espanha, aprender os costumes do *nosso* povo e estar entre as melhores famílias!” (AGUON, p. 125, 2019, tradução e grifo meus)⁸. Através dessa fala do pai espanhol, é possível entender que as tradições do povo chamorro eram vistas como inferiores, o que é uma das situações que acontece entre colonizador e colonizado.

Em outro trecho desta conversa, Sirena se revolta com as falas do marido a respeito do seu povo: “Eu não disse nada. E por muito tempo, tolerei sua depreciação arrogante do *meu* povo. Mas eu nunca vou deixar você fazer isso com Isa!” (AGUON, p. 126, 2019, tradução e grifo meus)⁹. Um dos aspectos mais marcantes durante a leitura dos textos chamorros foi a questão da separação de povos. Nas duas falas não existem estes grifos, quem grifou fui eu, mas mesmo sem eles acredito que seja possível visualizar o quanto essa marcação de povos está presente.

Aguon não trouxe para seu texto apenas esta separação entre colonizador e colonizado, mas também procurou trazer outras atitudes do povo espanhol para com o povo chamorro em seu reconto: “Ela queria gritar e chamar o capitão de assassino. Como seu pai poderia entregá-la ao homem que derrama o sangue do povo de Guam!” (p. 126, 2019, tradução minha)¹⁰.

Sendo assim, através do texto de Cushing e o reconto de Aguon consegui entender melhor como funcionou este período em Guam. Como aconteceu na maioria das colonizações, há muitas mortes, mas também consegui visualizar, comparando com o que havia lido em *Auntie Lola's Champion Chalakiles*, como esta colonização acabou por ser inserida na cultura dos chamorros.

⁷ “When the Spaniards invaded Guam beginning in 1521, there were at least 50,000 of us CHamoru. After giving the Spaniards food and water they desperately needed to survive, my ancestors became targets of hostility, disease, and natural disasters. Then there were only 4,000 CHamoru. That was just the beginning of the subjugation of my culture by one colonial power after another.”

⁸ This union will bring prestige to our family. Think of it. Isa will live in Spain, learn the ways of our people and be among the best of families!

⁹ I have said nothing. And for too long, I have tolerated your arrogant belittling of my people. But I will never let you do it to Isa!

¹⁰ She wanted to scream and call the captain a murderer. How could her father give her to the man who spills the blood of Guåhån people!

Porém, como Cushing (2019) mencionou, esta não foi a única vez que a ilha foi subjugada por um país. Em 1898 durante a Guerra Hispano-Americana, Guam “ganhou” um novo colonizador, os Estados Unidos. Esse evento foi oficializado, então, com o Tratado de Paris, onde os Estados Unidos ficaram com Guam, obviamente, contra a vontade do povo chamorro. Como é descrito por Herman (2008, p. 634, tradução minha) “é um lugar que foi conquistado por outro país, que já havia sido conquistado anteriormente por um outro país sem dar escolha para os habitantes indígenas em ambos os casos”¹¹. Sendo assim, Guam passou 300 anos sob domínio espanhol e ao invés de conquistar a tão desejada liberdade, passou a “pertencer” a outro país e, novamente, por outra colonização.

2.4 Colonização estadunidense em Guam

Em 1898, quando os Estados Unidos “ganharam” Guam, o povo passou por um novo processo de colonização, onde precisou, novamente, aprender uma nova língua. Talvez essa seja a razão para tantas palavras do espanhol terem se fundido ao chamorro. O povo poderia estar acostumado com diversas palavras da outra língua e viu-se obrigado a aprender uma nova quando já havia passado 300 anos em contato com a outra.

A segunda colonização afetou bastante os chamorros, afinal, eles já tinham seus próprios costumes, seu idioma e suas tradições quando os estadunidenses chegaram. Os chamorros “estabeleceram uma legislatura em antecipação a um governo democrático e representativo”¹², aponta os estudos de Herman (2017, tradução minha). Entretanto, os estadunidenses transformaram a ilha em uma base militar. “Guam era dirigido como um navio de guerra bem ordenado sob o que era essencialmente lei marcial.”¹³ (HERMAN, 2017, tradução minha), portanto, o povo era visto apenas como uma nova extensão militar estadunidense e, conseqüentemente, como acontece nas colonizações, precisou se encaixar nesta rotina militar. Hoje, Guam é considerada uma das bases estadunidenses mais importantes, especialmente por causa da localização, já que a ilha fica próxima à Ásia.

E a questão da localização teve conseqüências. No dia 7 de dezembro de 1941, Guam foi atacada pelos japoneses, no mesmo dia que Pearl Harbor, apenas quatro horas depois. Este é um dos eventos que mais marcou a história e o povo de Guam, já que os japoneses ficaram em posse da ilha por três anos. Este ataque é pouco comentado e, certamente, pouco conhecido, enquanto o outro é

¹¹ “It is a place taken in conquest from another state that earlier took it by conquest, with no choice on the part of the indigenous inhabitants in either case.”

¹² “established a legislature in anticipation of a democratic, representative government.”

¹³ “Guam was run like a well-ordered battleship under what was essentially martial law.”

extremamente famoso. Victoria-Lola M. Leon Guerrero, editora chefe da Universidade de Guam, escreveu um artigo para o jornal estadunidense, *Boston Review*, intitulado “An Open Letter from Guam to America”¹⁴. Nesse artigo, Guerrero (2017) escreve a respeito das ameaças de bombas que Guam sofre dos inimigos dos Estados Unidos no decorrer de todos esses anos. A autora também escreve sobre esse trágico acontecimento na história de Guam:

As piores bombas que já foram lançadas em Guam foram suas perto do fim da Segunda Guerra Mundial. No início da guerra, você nos deixou indefesos para os japoneses, sabendo muito bem que eles planejavam invadir Guam o tempo todo. Você embarcou com segurança as esposas brancas dos militares em navios e as enviou para casa meses antes do ataque, mas não fez nada para nos proteger. Isso mesmo, a última vez que uma nação invasora, que você disse que nos protegeria, atacou, você se rendeu em 2 dias e deixou 20.000 pessoas sofrendo, muitas sendo vítimas do mais atroz dos crimes de guerra. (GUERRERO, 2017, tradução minha)¹⁵

O período em que Guam esteve sob posse japonesa é considerado, para o povo chamorro, um dos piores períodos da história da ilha. Cushing (2019, p. 267) explicou como o seu avô se sentia em relação a invasão japonesa

Até sua morte, meu avô nunca pôde falar sobre a Segunda Guerra Mundial, em que os estadunidenses “salvaram” os chamorros dos japoneses que invadiram e ocuparam Guam por dois anos e meio. (...) Quando perguntei ao meu avô sobre o que ele havia passado, seus olhos lacrimejaram e ele disse que ainda tinha dificuldade em falar sobre isso. Tudo o que ele podia dizer era “eu penso na minha mãe e dói falar sobre isso”. (tradução minha)¹⁶

Sendo assim, o período que Guam esteve sob domínio japonês foi um momento bastante marcante. As autoras chamorros, Cushing (2019) e Guerrero (2017), acusam os estadunidenses de terem consciência que o ataque ocorreria e de não ter feito algo para impedir. Acredita-se também, como foi possível ver através dos apontamentos das autoras, que os estadunidenses apenas “salvaram” Guam quando eles julgaram ter sido o momento correto, no fim da Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos precisavam de soldados.

Após Guam ter retornado a posse estadunidense, a ilha seguiu sendo uma das bases militares dos Estados Unidos. Porém, mesmo os chamorros tendo feito diversas petições solicitando cidadania chamorro, os estadunidenses não concederam ao povo este direito. Muito pelo contrário, o povo de Guam não é considerado estadunidense, não tem direito ao voto e a pessoa que representa a ilha no Congresso apenas pode expressar a sua opinião, mas também não tem direito ao voto. O

¹⁴ “Uma carta aberta para a América”.

¹⁵ “The worst bombs that have ever been dropped on Guam were yours near the end of World War II. At the beginning of the war, you left us defenseless to the Japanese, knowing full well that they were planning to invade Guam all along. You safely boarded your white military wives on ships and sent them home months before the attack, but did nothing to protect us. That’s right, the last time an invading nation that you said you would protect us from attacked, you surrendered in 2 days and left 20,000 people to suffer, many falling victim to the most atrocious of war crimes.”

¹⁶ Up until his death, my grandfather had never been able to talk about World War II, in which the Americans “saved” the CHamoru from the Japanese who had invaded and occupied Guam for two and a half years. (...) When I asked my grandpa about what he had gone through, his eyes watered and he said he still had a hard time talking about it. All he could say was “I think about my mother and it hurts to talk about it”.

apagamento cultural que ocorre com Guam em relação aos estadunidenses começa a partir do fato de eles não terem voz para expressar suas opiniões, nem na forma como se alimentam eles possuem escolha. Enquanto pesquisava sobre Guam e lia textos de outros autores chamorros para entender melhor a cultura, pude entender que para o povo chamorro, a comida é sagrada, é uma característica extremamente marcante da cultura deles. Cozinhar é muito importante para eles. A ação de uma família sentar à mesa para ter uma refeição, é um momento bastante importante na rotina dos chamorros. O conto que é foco deste trabalho, tem no seu título o nome de um prato. Em *Indigenous Literature from Micronesia* (2019), há vários textos chamorros que falam de comida ou de refeições. J. A. Dela Cruz-Smith (2019, p. 304) traz em seu texto, a visita de sua avó e um dos aspectos que ela descreve é “Cumprimenta todos que visitam com sorrisos, água e comida (sempre há comida)” (tradução minha)¹⁷. Para eles, um momento feliz é um momento em que a comida está envolvida de alguma maneira.

Outros autores trouxeram suas ideias sobre as comidas que vieram dos Estados Unidos durante todos os anos de colonização. Flores (2019) traz em seu poema, *Well, we're all eating chã'guan now*, que a comida dos estadunidenses com suas químicas está matando o povo, que quando eles comiam de uma maneira mais natural, com o que eles plantavam, eles estavam comendo muito melhor. Conforme apontou Guerrero (2017) “minha casa é minha vida melhor. Sou nutrida pela minha terra, onde minha família cultiva nossa própria comida” (tradução minha)¹⁸.

Flores (2019, p. 325) em seu poema culpa a comida estadunidense: Você foi envenenado / pela boa e velha gula estadunidense / e produção de comida em massa / que coloca esteróides onde esteróides nunca estiveram antes / e alimenta as galinhas / com excrementos de vacas” (tradução minha)¹⁹. Quando pensei no meu próprio conhecimento sobre comidas estadunidenses, a primeira ideia que veio até mim foi o *fast food*. Para um país acostumado a plantar sua própria comida, começar a se alimentar da mesma forma que os estadunidenses se alimentam pode ser uma enorme diferença, principalmente, se lembrarmos que a comida para este povo é uma questão cultural.

Para o povo chamorro ficou bastante separado, assim como ficou no reconto de Aguon a questão dos povos, a questão da comida. O que é estadunidense e o que é chamorro. Os povos de Guam fazem questão de manter essa linha traçada. No conto de Desiree Taimanglo Ventura (2019) *Hineksa Anonymous*, a autora apresenta que os estadunidenses possuíam consciência da importância da comida para os chamorros. A narradora do conto narra a história que o pai havia lhe contado de

¹⁷ “It greets everybody who visits with smiles, water, and food (there’s always food).”

¹⁸ My home is my better life. I am nourished by my land, where my family grows our own food.

¹⁹ You’ve been poisoned / by good old American gluttony / and mass food production / that puts steroids where steroids / have never been before / and feeds chickens / the excrement of cows.

um tio estadunidense que costumava jogar arroz no chão na frente dos familiares chamorros mais pobres para que eles tivessem que juntar o arroz que caiu no chão para comer.

O arroz é um alimento muito importante para eles. No conto de Ventura, ela apresenta a tristeza e melancolia da narradora com o fato de que a sua parteira não a deixa comer arroz, porque o alimento não é considerado, agora, saudável. Conforme Ventura apresenta em seu conto, existe certa revolta relacionada aos alimentos trazidos pelos estadunidenses

Minha parteira, a haole com voz anasalada, me lembra que “meu povo” come muito mais arroz do que deveríamos. Ela também me lembra que “meu povo” come muita comida enlatada. Quando ela me contou isso, pensei em lembrá-la de que era “O POVO DELA” que trazia comida enlatada para “meu povo” (VENTURA, 2019, p. 308, tradução minha, grifo da autora)²⁰

Sendo assim, a comida para o povo chamorro é muito importante, é uma marca cultural deles. Eles passam as receitas de geração em geração. As famílias cozinham juntas, independentemente da idade, como iremos ver quando analisarmos o conto de Manibusan, porque esse momento é sagrado para eles. O fato de os estadunidenses terem inserido a comida deles e desdenhado a comida chamorro e, conseqüentemente, feito o povo se alimentar da sua comida faz com que exista um ressentimento em relação aos Estados Unidos maior do que existe em relação a Espanha, por exemplo. Consegui visualizar esta questão, principalmente, quando pensei no texto de Herman (2008) sobre os chamorros terem conseguido manter diversos aspectos da sua cultura, algo que eles não conseguiram tanto com os estadunidenses.

Outro exemplo do apagamento cultural é os chamorros “não poderem” estudar em Guam, mesmo tendo hoje em dia uma universidade na ilha, o correto continua sendo ir para os Estados Unidos para poder estudar, já que uma educação de qualidade se encontra apenas na terra do colonizador, “então havia educação americana. Ser chamorro tornou-se antiamericano” (CUSHING, 2019, p. 267, tradução minha)²¹. Entretanto, apesar de irem para os Estados Unidos para estudar, os chamorros passaram a se especializar nos assuntos relacionados à Micronésia e começaram a voltar para seu país, para dar às outras gerações as oportunidades que eles não conseguiram ter: a de poder estudar no seu próprio país.

Até há muito pouco, não existiam livros de autores chamorros e, conseqüentemente, de autores da Micronésia. Este movimento começou muito recentemente, onde os autores da região estão começando a publicar livros para mostrar a cultura, as tradições e a língua dos povos da ilha.

²⁰ “My midwife, the haole with the nasal voice, reminds me that “my people” eat far more rice than we should. She also reminds me that “my people” eat too much canned foods. When she told me this, I contemplated reminding her that it was “HER PEOPLE” who brought canned food to “my people”.”

²¹ “then there was American education. Being CHamoru became un-American.”

Um exemplo deste movimento é a antologia *Indigenous Literature from Micronesia*, o livro onde o conto *Auntie Lola's Champion Chalakiles* foi publicado.

3. O TEXTO DENTRO DA ANTOLOGIA

Auntie Lola's Champion Chalakiles foi publicado na antologia *Indigenous Literature from Micronesia* em 2019 junto com outros diversos textos escritos por diferentes autores da Micronésia, não apenas de Guam. O livro editado por Evelyn Flores e Emelihter Kihleng, foi publicado com o intuito de trazer atenção as literaturas das ilhas da Micronésia, como explica Flores no prefácio

Resta o trabalho de quebrar mitos e construir mitos revistos que fortalecem em vez de rebaixar. Resta contar novas histórias que são realmente antigas, persistindo em nosso sangue, paradoxalmente e carinhosamente ao mesmo tempo familiares e de tirar o fôlego, histórias que desconstruem as mentiras e meias verdades em que passamos a acreditar. (FLORES, 2019, p. xxii, tradução minha)²²

Desta forma, a antologia foi publicada para recontar as antigas histórias da região, para contar sobre seus costumes, suas tradições e, também, sobre suas línguas. Flores ainda explica no prefácio que após passar diversos anos estudando nos Estados Unidos, ela decidiu voltar para sua terra natal e quando visitou as bibliotecas de Guam e não viu muitos livros a respeito do povo chamorro e sua cultura, ela decidiu, então, juntar diversos autores das ilhas da Micronésia e publicar este livro para trazer de volta as antigas histórias e lendas dos povos, recontar suas histórias sob um ponto de vista diferente daquele que eles, e o mundo, estavam acostumados.

Na antologia há 121 textos de diversas ilhas da Micronésia, como Palau, Kiribati, Pohnpei, Chuuk, Yap, Ilhas Marshall e, principalmente, Guam. Destes 121 textos, 66 deles são escritos por autores chamorros. Diversos contos, poemas, peças de teatro, trechos de romances e, também, um pequeno trecho da Constituição dos Estados Federativos da Micronésia de 1975 fazem parte do livro. Sendo assim, este livro é rico dos mais diversos gêneros textuais e, também, das mais variadas culturas presentes na região da Micronésia. Esta antologia foi extremamente importante para a realização deste trabalho, pois possibilitou, para mim, entender melhor sobre Guam através dos textos dos autores chamorros. Durante, então, esta leitura que fiz desses textos consegui visualizar também, como as palavras do chamorro, que possuem origem espanhola, faziam parte dos textos.

3.1 As palavras do chamorro nos textos da antologia

Para entender melhor sobre Guam e a sua cultura que estava tão presente em *Auntie Lola's Champion Chalakiles*, precisei, primeiramente, ler os textos dos autores chamorros da antologia

²² The work remains of breaking down myths and building up re-visioned ones that empower rather than demean. It remains to tell new stories that are really ancient ones, persisting in our blood, paradoxically and endearingly both familiar and breathtakingly novel, stories that deconstruct the lies and half-truths that we've come to believe.

para poder entender melhor como funciona a literatura de Guam. Nesta leitura, um dos principais aspectos que chamou minha atenção foi o uso das palavras, que eu julgava serem do espanhol, nos textos.

Em alguns poemas, os autores optaram por escrever em inglês e colocar a tradução em chamorro ao lado e isso possibilitou ver diversas palavras oriundas do espanhol funcionando juntas dentro de um poema escrito predominantemente na língua nativa. Um exemplo é o poema *I Have Seen Sirena / Gua na hu li'i' si Sirena* de Evelyn Flores, onde temos palavras como “*siempre*” e “*eskuela*”. Outra situação que encontrei foi no trecho do romance de Peter R. Onedera, *Cheffla gi i Manglo* (2019), o autor traz a seguinte frase: “*Grasias, adios, Si Yu'os ma'ase. Thank you God. Thank you*” (p. 153, tradução minha, grifo do autor)²³. Neste caso, as palavras do chamorro e do inglês foram colocadas lado a lado, na mesma frase. Entretanto, vale ressaltar, o trecho trazido para a antologia é escrito predominantemente em inglês, apenas com estas palavras do chamorro. A palavra “*mediku*” foi encontrada na peça de Onedera, *Nasarinu* (2019). Assim como no poema de Christine Taitano DeLisle, *The Tree* (2019), temos a palavra “*Familia*”. Neste poema também temos “*kusinán sanhiyong*”, que é uma cozinha que fica do lado de fora da casa. A palavra “*kusinán*” é considerada de origem espanhola no chamorro e a grafia é parecida com a palavra “cozinha” em português e em espanhol também, “*cocina*”. E, um último exemplo do poema de Flores, *Well, we're all eating chá'guan now* (2019), “*Guela yan Guelu*” que significa “vó e vô”, também possuem origem espanhola, já que em espanhol é “*abuela y abuelo*”.

Todas estas palavras nos diferentes textos foram trazidas por seus autores em combinações diversas. Algumas estavam junto de outras palavras em chamorro em um poema completamente escrito na língua nativa com a versão dele em inglês ao lado, enquanto outros, como da peça de Onedera (2019), estavam apenas em itálico dentro de um texto em inglês. No poema de DeLisle, as palavras que eram do chamorro estavam acompanhadas de uma nota de rodapé com a tradução em inglês, Flores fez a mesma coisa com o seu outro poema. Sendo assim, diversos textos trouxeram palavras do chamorro, mas cada um à sua própria maneira. Estas palavras me ajudaram bastante a entender a escolha de palavras de Manibusan no conto, me ajudaram, principalmente, a visualizar estas palavras como marcações culturais. Os textos são escritos, na maioria dos casos, predominantemente em inglês porque o livro seria publicado nos Estados Unidos, na Universidade de Hawai'i e essa é a língua oficial do local e, também, porque é a língua do colonizador. Compreendi, então, depois das leituras destes textos e de refletir sobre o uso dessas palavras que elas foram trazidas para as obras não apenas como uma forma de cultura, mas também como uma forma de resistência. A relação entre o chamorro e o inglês nos textos, no primeiro momento, para

²³ A tradução de “*Si Yu'os ma'ase*” é “Deus tenha piedade”, conforme o dicionário online de chamorro.

mim, pareceu bem simples. Para mim, as palavras em chamorro, depois que compreendi que até as palavras que eu julguei serem do espanhol faziam parte do chamorro, estavam sendo utilizadas pelos autores para mostrar a língua nativa para os leitores. Mas depois de conhecer melhor a história da ilha, percebi, então, que o chamorro não está ali apenas para ser apresentado ao leitor, mas também como uma forma de mostrar a resistência do seu povo. A segunda colonização fez os chamorros aprenderem a língua do colonizador, tirou a língua nativa das escolas, que apenas recentemente voltou a ser ensinada na sala de aula, em uma tentativa de moldar o povo para serem seus espelhos. Mas estes textos que trazem as palavras do chamorro, nem que seja apenas uma palavra, é uma forma de mostrar a resistência deste povo. Eles estão recuperando o que foi tirado deles por tanto tempo.

Depois que cheguei a essa conclusão, pensei em como estas palavras afetam a leitura e, por consequência, o que os autores queriam causar em seus leitores com o seu texto. Como comentei acima, alguns autores optaram por utilizar notas de rodapé com as traduções das palavras em chamorro, mas outros não. E, também, como as palavras do chamorro que possuem origem do espanhol afetam a minha leitura, uma leitora falante do português brasileiro, língua neolatina, e como afeta um leitor estadunidense, por exemplo, supondo que ele não tenha nenhum conhecimento de espanhol. Quando penso no suposto leitor estadunidense, penso que a intenção era mostrar esta resistência, mas quando penso no leitor chamorro, penso em como isso é uma forma de mostrar que a cultura deles não está sendo completamente apagada pela do colonizador.

O modo como os autores trouxeram estas palavras do chamorro influencia bastante a leitura dos textos da antologia e me fez refletir sobre o tipo de leitura que os autores esperam dos seus leitores, o que os autores desta antologia estão buscando causar nos seus leitores.

3.2 Os recursos utilizados nos textos para as marcações culturais

Dos 66 textos chamorros presentes na antologia, nem todos possuíam alguma palavra em chamorro, mas possuíam alguma marcação cultural da ilha, já que eles foram a melhor fonte para compreender melhor tanto a literatura da ilha como os costumes e as tradições do seu povo. Alguns autores optaram por trazer notas de rodapé para o seu texto, Manibusan fazendo parte deste grupo, com traduções das palavras em chamorro ou com alguma explicação relacionada ao texto. Destes 66 textos chamorros, 50 não possuem nenhuma nota de rodapé. Destes 50 textos, 16 possuem palavras em chamorro, mas não possuem nenhuma nota com a tradução ou a explicação sobre os termos utilizados. Outros 4 textos possuem palavras em chamorro e os autores optaram por não

utilizar nota de rodapé, entretanto, foi colocado a tradução da palavra ao lado entre parênteses. Alguns possuem uma nota do editor no início do texto, mas estes textos apenas possuem essa nota porque são trechos de romances, de peças de teatro e as editoras, Evelyn Flores e Emelihter Kihleng, trazem um resumo para contextualizar o leitor acerca daquele trecho.

Depois de analisar estes dados da antologia, refleti sobre como eles afetam a leitura dos textos. Todos possuem marcações da ilha, acredito que todos os autores buscaram trazer e manter estas marcações nos seus textos em razão do propósito da antologia. Entretanto, alguns autores optaram por não utilizar nenhuma nota de rodapé, não trazendo nenhum conhecimento para o seu leitor, mesmo que o texto tivesse palavras do chamorro. Por outro lado, outros autores optaram por utilizar a nota de rodapé para traduzir ou explicar as palavras da língua nativa. Alguns dos autores utilizaram este recurso como uma forma de referenciar algum termo ou palavra do texto, como o conto de Sandra Iseke Okada, *Return to the Sea* (2019), no qual a autora utilizou a nota de rodapé para fazer referência a um trabalho que a ajudou a escrever o conto. A autora também usou a nota para explicar sobre as organizações Fanlalai'an, Pa'a Taotao e TASI, que foram criadas com o intuito de preservar a cultura e as tradições de Guam. Em contrapartida, outros autores utilizaram as notas como uma forma de trazer uma informação extra para o seu leitor, como no caso de Leonard Z. Iriarte em seu poema *I Tinituhon/The Beginning* (2019) que possui notas explicativas sobre alguns costumes da ilha e do povo. O autor explicou neste poema as palavras que representam uma vocalização sagrada das rezas chamorro como “Hui!” e “Hoi!”.

Outro autor que optou pela utilização das notas foi C. T. Perez em seu conto *Inside Out* (2019). As notas utilizadas por Perez não foram apenas para explicar sobre costumes da ilha, o autor também as utilizou para explicar lugares da ilha, como uma loja aparentemente bastante famosa por lá, ele explicou sobre a loja Old Town House, uma das lojas mais antigas de Guam. Evelyn Flores em seu poema, *Fu'una and Pontan* (2019), utilizou notas de rodapé para a tradução das palavras em chamorro, optando por traduzir as palavras e, também, acrescentar algumas informações extras a respeito delas. Por exemplo, a autora utilizou este recurso para explicar quem são Fu'una e Pontan, que na cultura chamorro, são irmãos que também são deuses e os responsáveis pela criação do mundo. Flores também utilizou as notas para a tradução de “che'lu” que significa “irmão” tanto no masculino quanto no feminino. A autora aproveitou, também, para fazer um comparativo com esta palavra no chamorro e no inglês. Ela menciona que “che'lu” poderia ser a tradução de “sibling”, “irmão/irmã” em português, entretanto, não pode ser considerado um equivalente completo porque a palavra chamorro carrega uma apreciação que a palavra no inglês não possui, a autora defende.

Sendo assim, as notas de rodapé na antologia *Indigenous Literature from Micronesia* foram usadas de maneiras diferentes. Cada autor escolheu qual seria a melhor forma para utilizar este

recurso durante suas obras. Alguns optaram por não usar nenhuma nota, como foi o caso de 50 dos 66 textos chamorros, mesmo tendo utilizado palavras em chamorro em seus textos. Assim como alguns autores optaram por utilizar palavras em chamorro e usar notas de rodapé. Isso me fez refletir sobre o que os autores querem causar nos seus leitores. Talvez estes autores tenham escolhido não usar a nota de rodapé com explicações ou traduções das palavras em chamorro porque tinham a intenção de causar uma estranheza no leitor ou, talvez, colocá-lo em contato com palavras da língua durante a leitura para o expor a essa cultura, que tão pouco sabemos sobre, ou eles poderiam estar pensando nos leitores chamorros. Também considerei que os autores poderiam estar pensando em leitores chamorros durante a publicação da antologia, principalmente, quando considerei a razão pela qual estes autores se juntaram para publicar este livro.

Portanto, a forma como cada um utilizou o recurso da nota de rodapé para o seu texto influencia o tipo de leitura que o leitor vai ter. Enquanto lia, nos textos que não tinham nota de rodapé, precisei procurar em outras fontes aquilo que estava sendo apresentado no texto. Enquanto nos que utilizaram este recurso, apenas li a nota de rodapé para entender melhor e segui a leitura. Então, acredito que a forma que cada autor optou por utilizar este recurso mostra que tipo de leitura e o que aquele autor queria causar no seu leitor. Um autor que optou por não usar a nota de rodapé, talvez esteja pensando apenas no leitor chamorro, querendo mostrar e compartilhar a cultura da ilha com ele, ao mesmo tempo, que pode ter optado por não fazer isso para causar curiosidade no leitor para que ele lesse o texto e procurasse mais sobre Guam. Enquanto isso, também acredito que o autor que optou por utilizar as notas de rodapé queria expor o leitor àquela cultura, mas o queria manter dentro do texto durante este período. Um exemplo é como Manibusan utilizou as notas em *Auntie Lola's Champion Chalakiles*. A autora usou as notas para traduzir as palavras do chamorro, para apresentar o leitor àquela cultura, mas ao mesmo tempo, dar a ele um auxílio para compreender as palavras.

Depois das pesquisas sobre Guam, sua história e da leitura dos textos, comecei a refletir na primeira versão da minha tradução do conto. Comecei a considerar outros aspectos do texto além da língua chamorro como marcações culturais e, a partir disto, comecei uma segunda versão do conto.

4. A TRADUÇÃO DE *AUNTIE LOLA'S CHAMPION CHALAKILES*

Como comentei na introdução, na primeira tradução do conto, identifiquei como marcações culturais apenas a língua chamorro. Isso aconteceu principalmente porque, no original, a autora optou por utilizar as palavras e os diálogos em chamorro acompanhados de notas de rodapé que possuíam a tradução para o inglês. Eu não tinha nenhum conhecimento sobre a Micronésia e muito menos sobre Guam quando traduzi *Auntie Lola's Champion Chalakiles* pela primeira vez, inclusive, na primeira leitura e na primeira tradução, entendi as palavras do chamorro que têm origem do espanhol como palavras pertencentes ao espanhol.

Depois das minhas pesquisas sobre a ilha, seu povo, seus costumes e sua língua senti a necessidade de repensar a minha interpretação do que seriam os aspectos culturais do conto. Na primeira tradução, entendi como aspectos culturais apenas as palavras que estavam em itálico e possuíam notas de rodapé com a tradução para o inglês, entretanto, existem palavras no texto que não estão com nota de rodapé que são obviamente chamorro e precisam ser mantidas na versão final do texto. Após repensar sobre estas palavras que na primeira versão eu não considerei como marcações culturais, precisei repensar todas as palavras que eram do chamorro e eu havia traduzido, mesmo aquelas que eu havia mantido e apenas adicionado a nota de rodapé com a tradução em português, como estava no original. Sendo assim, depois de ter compreendido melhor como as palavras que julguei serem do espanhol eram na verdade do chamorro, utilizei os dicionários chamorros que encontrei online e comecei a revisar primeiramente as minhas traduções das palavras em chamorro.

4.1 A primeira tradução do conto e a segunda versão

A autora trouxe diversas palavras do chamorro para o seu texto, a maioria destas palavras estavam acompanhadas de uma nota de rodapé com a tradução, como "*hagu-hu*" que na nota foi traduzida para "*my girl*" e, por fim, na tradução para o português para "*minha menina*". Além de "*kirida*" e "*antigu*", que pareciam ser de origem espanhola na primeira leitura, foram traduzidos para "*favorite*" e "*ancient*" e na minha tradução para "*querida*" e "*antigo*", respectivamente.

Apesar destas palavras do chamorro estarem em itálico e serem acompanhadas por notas de rodapé, outras palavras de origem chamorro não estavam em itálico e nem possuíam notas com as traduções. Estas palavras seriam "*nene*", "*nana*" e "*tata*". "*Nene*" não está em itálico, mas possui uma nota de rodapé com a tradução para "baby". Segundo o dicionário online de chamorro, é um termo carinhoso usado em chamorro que pode ser traduzido para "dear", "darling", "honey" ou

“sweetie” em inglês e “querida”, “amada” e outros adjetivos semelhantes em português. O dicionário ainda explica que esta palavra possui origem do espanhol “nene”, que seria a forma masculina para “bebê” e ressalta que em chamorro a palavra pode tanto ser usada no feminino quanto no masculino. Na primeira versão da tradução do conto, optei por traduzir “nene” para “minha menina”, entretanto, como comentei acima, “minha menina” em chamorro é “hagu-hu”. Depois, optei por “querida”, mas já temos “kirida” no texto que foi traduzida para “querida” na nota de rodapé. Por fim, decidi que a melhor escolha seria utilizar “nene” como no original, porque após minhas pesquisas sobre a cultura chamorro e seus costumes, percebi que esta palavra era outra marcação cultural da ilha presente no conto e como tal, deveria ser mantida da mesma forma que as outras, mesmo não estando em itálico.

Além desta palavra, Manibusan também usa “nana” e “tata” no texto, mas sem nota de rodapé e não está em itálico. Primeiramente, traduzi estas palavras para “mãe” e “pai”, respectivamente. Entretanto, após refletir sobre minha decisão a respeito de “nene”, optei, então, por manter “nana” e “tata” como no original, já que segundo o dicionário de chamorro explica que “nana” a tradução desta palavra é “mother” e, conseqüentemente, a tradução em português seria “mãe”. O mesmo aconteceu com “tata”, a diferença sendo que a palavra foi traduzida para “father”. Não encontrei a origem de nenhuma das duas palavras, mas nenhuma delas estava em itálico ou acompanhadas de notas de rodapé com a tradução no original. Portanto, optei por mantê-las como estavam no conto e por reconhecê-las como marcações culturais da ilha também, é como os filhos chamam seus pais. E, considere que, talvez, quando a autora estava escrevendo o conto, o leitor que ela imaginou seria um chamorro que entenderia estas palavras, já que é a forma como eles chamam os pais em Guam.

Outra palavra que não está em itálico e nem possui nota de rodapé é “haole”. Para entender este termo utilizado durante o conto, precisei pesquisar pelo seu significado em outros sites. O dicionário online Glosbe de chamorro definiu “haole” como “white people” (pessoas brancas) e explicou que é um termo em chamorro usado para se referir a pessoas brancas de fora da ilha.

Uma palavra em especial que também precisei ter este cuidado durante a tradução foi “godbrother”. Em português, não possuímos um equivalente para esta palavra e, por isto, ao invés de traduzir a palavra, optei por explicar o significado dela durante o texto: “ele e Isa poderiam ser considerados irmãos por parte do batizado, pois o padrinho de Isa era o pai de Matmat”. No conto, possuímos diversos termos relacionados a igreja católica como “godfather”, “goddaughter” e “godbrother”. Para “godfather” e “goddaughter” temos equivalentes no português, “padrinho” e “afilhada”, respectivamente, entretanto, para “godbrother”, não. O dicionário de chamorro não

possui tradução para esta palavra, sendo assim, não é uma palavra do chamorro, mas pode ser considerada uma palavra utilizada no vocabulário inglês do povo de Guam. No caso destas palavras que não foram utilizadas como as outras palavras do chamorro, mas mesmo assim afetam o processo de tradução, considere o peso que elas iriam possuir no texto traduzido, se elas irão precisar de uma explicação e até que ponto podemos dar esta explicação no corpo do texto como foi feito com “godbrother”, mas não necessariamente podemos fazer isto com “*nana*”, “*tata*” e “*nene*”, estas precisam ser explicadas previamente ao leitor.

Como o conto possui muitos diálogos entre Isa e sua Titia Lola, temos diversas interjeições, como “*Ai adai*” que pode significar “pelo amor de Deus” para expressar frustração, exasperação ou aborrecimento. Na nota, foi traduzido para “oh my”. Entretanto, uma interjeição foi usada no conto, mas não possui nenhuma nota de rodapé com a tradução, esta seria “*nai*”. Após pesquisar pelo significado no dicionário de chamorro, descobri que “*nai*” é utilizada para confirmar a afirmação anterior, podendo ser comparada com o “né” utilizado em português. Porém, não encontrei nos dicionários chamorros alguma explicação da origem desta interjeição. Entretanto, “*adai*” tem a tradução para o inglês nas notas de rodapé, enquanto “*nai*”, não.

Portanto, quando li a tradução após as pesquisas sobre Guam, reconheci diversos aspectos diferentes como marcações culturais, como as interjeições, por exemplo. Além de ter repensado as interjeições para a segunda versão do texto, precisei, também, repensar outros aspectos que na primeira versão eu não considerei como fazendo parte da cultura chamorro, por exemplo, a alimentação.

4.2 Repensando a cultura chamorro no texto e o leitor

Após perceber o quanto era um caso delicado as marcações culturais presentes no conto e o quanto eu não tinha nenhum conhecimento sobre aquele povo e a sua ilha, entendi que na segunda versão eu teria que repensar alguns aspectos que eu tinha dado como certos na primeira tradução, como por exemplo, ter considerado apenas as palavras em chamorro como uma marcação cultural. Quando concluí o que o conto de Manibusan estava apresentando ao leitor, a cultura de uma ilha, precisei, primeiramente, voltar ao que seria a definição de cultura. Uma das definições de cultura que decidi seguir para a segunda versão em relação às marcações culturais, foi o ponto de vista de Parsons (1965, p. 268 apud MAYER, 1983, p. 29) que aponta que “a cultura é definida como um processo que se manifesta em ações sociais”. E, realmente, a ação de cozinhar que é tão sagrada para os chamorros e que está presente em *Auntie Lola's Champion Chalakiles* é uma marcação da cultura chamorro. Diversos textos da antologia trazem este aspecto para os leitores como mencionei

acima e, portanto, para a segunda versão da tradução do conto, considereei não apenas as palavras que estavam em chamorro como um aspecto cultural, mas a ação principal que acontece no conto: Isa cozinhando com a sua Titia Lola.

Entretanto, a partir do momento que considereei o ato de cozinhar como um aspecto cultural, comecei a refletir sobre o leitor da minha tradução. Para conseguir entender estas questões culturais precisei ler outros textos de autores chamorros, pesquisar sobre a história de Guam, pesquisar dicionários e gramáticas chamorros e, vale ressaltar, não posso exigir este tipo de pesquisa do meu leitor para compreender melhor *Auntie Lola's Champion Chalakiles*. Comecei, então, a refletir sobre como eu poderia apresentar ao leitor a importância desta ação no texto. Na primeira leitura, achei que estavam apenas apresentando uma receita muito famosa do local e quando penso no motivo pelo qual a antologia foi escrita, acredito que o leitor precisa ter esta informação extra sobre Guam e sua cultura. Na primeira tradução, pensei que as notas de rodapé poderiam cobrir facilmente toda esta extensão da cultura chamorro, mas nesta primeira versão também considereei como cultura apenas a língua e não as ações que também acontecem no conto.

Mantendo isto em mente, comecei a repensar o meu leitor. Como poderia trazer todas estas informações previamente, para que ele pudesse começar a ler o texto e pudesse ter a reação que Manibusan procurou causar em seu leitor. Acredito que as notas de rodapé não conseguem cobrir este conhecimento prévio que é necessário ter para compreender estes detalhes tão sutis do conto, principalmente esta questão da alimentação, especialmente se considerarmos como cozinhar é uma ação extremamente comum para nós brasileiros. Decidi, portanto, utilizar para a segunda versão do texto as notas de rodapé com as traduções das palavras em chamorro, mas, também, uma nota de apoio trazendo estas informações prévias ao leitor.

4.3 Por que precisamos de uma nota de apoio para a tradução

Na primeira tradução do conto, adicionei explicações junto a tradução das palavras em chamorro, entretanto, após pesquisas sobre Guam e leituras dos outros textos da antologia, percebi que as notas de rodapé não conseguiriam cobrir toda a informação prévia que o leitor necessita para a leitura do conto, considerando a intenção que Manibusan quer causar no possível leitor, com qual intenção o conto foi escrito. É uma nota antes da leitura do texto apresentando as marcações culturais da ilha prepara o leitor para o texto que irá ler e ajuda a garantir que sua principal função seja cumprida, ao invés de notas de rodapé durante a leitura do conto, que não preparam o leitor para aquele texto e as informações que ele irá encontrar nele. Por esta razão, optei por uma nota de

apoio para este conto ao invés de utilizar as notas de rodapé que já estão sendo utilizadas para traduzir as palavras em chamorro.

Após compreender a importância das marcações culturais para o texto, decidi que todas as marcações culturais presentes na tradução seriam mantidas e que, conseqüentemente, também precisamos de uma nota de apoio para os detalhes presentes no conto. A decisão sobre a nota de apoio foi baseada nos estudos de Mattos (1983) e nas afirmações sobre literatura nativa de Vinezor (1995). Mattos (1983) defende que quando um texto literário possui características da cultura de partida, é necessário que o tradutor busque uma forma de representar estas características. Partindo deste conceito, optei, assim, por uma nota de apoio para a tradução de *Auntie Lola's Champion Chalakiles* para poder esclarecer estes aspectos específicos do conto. Já Vinezor (1995) explica que precisamos buscar uma maneira de trazer o contexto e a cultura dos povos nativos na tradução de antologias, caso contrário, estamos correndo o risco de contribuir para dominação literária. O autor também salienta que as características destas literaturas não podem seguir as regras das traduções comuns e que, também, não devemos olhar essas culturas com os mesmos olhos com os quais vemos as nossas, já que elas possuem costumes bastante diferentes dos nossos que são apresentados nas suas obras. Talvez por esta razão o ato de cozinhar do conto possa ter um peso para os brasileiros e outro para os chamorros.

Precisamos de uma nota de apoio porque o recurso das notas de rodapé já está sendo utilizado desde o texto de partida e na tradução será usado da mesma forma: com as traduções das palavras em chamorro. Além disso, nos trechos em chamorro, temos palavras que possuem origem da língua espanhola que foram inseridas na língua nativa de Guam. O leitor falante do português brasileiro pode, assim como eu durante a minha primeira leitura de *Antie Lola's Champion Chalakiles*, entender que essas palavras são de fato do espanhol. Para entender este contexto, precisei fazer diversas pesquisas sobre a história da ilha de Guam, pesquisar os poucos dicionários disponíveis de chamorro para, assim, conseguir compreender este aspecto particular da língua. Também temos palavras que são do uso do dia a dia em Guam e que não foram usadas como as outras palavras em chamorro do texto e como as considereí marcações culturais, é necessário explicar ao leitor estas palavras que estão no texto, qual o seu significado e o peso por trás delas para os chamorros. Assim como o caso do termo “godbrother” que não possuímos um equivalente no português. Portanto, é importante considerar que o leitor possa não saber estas particularidades da língua e como elas influenciam a leitura do conto.

Outro aspecto que traz a necessidade da nota de rodapé é a ação principal que acontece na obra: a refeição. Conforme comentei acima, a refeição é vista como um ato sagrado para os chamorros. Na primeira vez que li o conto, havia tido a impressão de que estava relatando uma

receita bastante famosa da ilha de Guam, entretanto, após ler outros textos que fazem parte da antologia, pude perceber que, na verdade, Manibusan traz esta receita para representar um costume do local: o de se juntar para cozinhar e fazer uma refeição juntos. Sendo assim, o conto procura trazer este aspecto bastante particular da cultura chamorro, já que para os leitores que não estão familiarizados com esta cultura podem achar que no texto apenas há uma receita, enquanto o próprio fato de estar retratando todos os passos já é uma forma de expressar a cultura da ilha. É importante que o leitor possa ver o que está sendo retratado no texto para que consiga visualizar a mensagem que a autora procurou trazer em seu conto.

Portanto, precisamos de uma nota de apoio para a tradução deste conto porque o leitor irá precisar destas informações para poder compreender pequenos detalhes que são tão importantes no texto como os trechos em chamorro e a presença de uma ação, que para nós parece ser tão comum, mas que para os chamorros é visto como algo sagrado, algo da cultura deles. E, por fim, esta nota se torna necessária para que o leitor possa ter conhecimentos de todos estes aspectos e que, assim, possa ser mantida a intenção de Manibusan quando escreveu a obra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o foco de *Autie Lola's Champion Chalakiles* é apresentar ao leitor a ilha de Guam, o seu povo e os seus costumes, precisei considerar diversos aspectos como marcações culturais além da língua. Na primeira versão da tradução considerei apenas a língua chamorro, que eu julgava ser duas línguas antes das minhas pesquisas, entretanto, após estas pesquisas considerei as ações que acontecem no conto como marcações culturais também. Portanto, como passei a considerar outras marcações para a segunda versão da tradução, optei, então, por adicionar uma nota de apoio para a leitura deste conto.

O chamorro é uma língua que possui palavras de origem espanhola e nós, leitores falantes do português brasileiro, precisamos de uma explicação prévia sobre estas palavras como “*antigu*” e “*kirida*”, palavras que estão presentes no conto de Manibusan. É necessário uma explicação sobre a grafia e, também, sobre como elas fazem parte do chamorro e não de uma terceira língua que possa estar presente no conto, como acreditei inicialmente. Como o chamorro não foi a única marcação cultural trazida por Manibusan em seu texto, a alimentação que é muito valiosa para os chamorros também foi, acredito, então, que este conto precisa ser seguido de uma nota de apoio para passar este conhecimento para o leitor. O leitor precisa deste conhecimento prévio para que antes da leitura do conto, ele tenha este conhecimento sobre a ilha e os seus costumes para que o texto de Manibusan possa causar a ele o que a autora procurou causar em seu leitor. Que assim seja possível para o leitor, de uma maneira que não foi possível para mim na minha primeira leitura, visualizar a importância daquelas ações presentes no texto, consiga compreender que as palavras que parecem ser do espanhol, na verdade, fazem parte do chamorro.

Portanto, a tradução do conto de *Auntie Lola's Champion Chalakiles* precisa apresentar ao seu leitor a bela cultura de Guam e o seu povo. Por esta razão, produzi a nota de apoio em anexo para a segunda versão da minha tradução para que o leitor consiga ter acesso a essas informações sobre Guam e sua cultura. Além disso, não possuímos traduções de literaturas da Micronésia no Brasil e esta nota de apoio com informações sobre a língua, a história e os costumes da ilha abre portas para outras traduções das obras desta região, assim como também traz luz a sua trágica mas bela história.

REFERÊNCIAS

AGUON, B. I dos Amantes. *In: FLORES, E. et al. Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 125-127, 2019.*

BRITANNICA. “Micronesian languages”. *Encyclopedia Britannica, 12 nov. 2007. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Micronesian-languages>>. Acesso em: 23 set. 2022.*

CHAMORRO DICTIONARY. Disponível em: <<http://www.chamoru.info/dictionary/>>. Acesso em: 17 jul. 2022.

CHUNG, S. Chamorro Grammar. Santa Cruz: University of California Santa Cruz, 2020. Disponível em: <<https://escholarship.org/content/qt2sx7w4h5/qt2sx7w4h5.pdf?t=r6mx08>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

CRUZ-SMITH. J. A. D. Portrait of Grandmother Eating Mango. *In: FLORES, E. et al. Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 304-307, 2019.*

CUSHING, N. J. A Journey of CHamoru Self-Discovery. *In: FLORES, E. et al. Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 266-269, 2019.*

DELISLE, C. T. The Tree. *In: FLORES, E. et al. Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 277-279, 2019.*

ESTADOS FEDERATIVOS DA MICRONÉSIA. Constituição (1975). Constitution of The Federated States of Micronesia. Saipan, Ilhas Marianas do Norte, 1975.

FLORES, E. Fu’una and Pontan. *In: FLORES, E. et al. Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 14-17, 2019.*

_____. Prefácio. *In: FLORES, E. et al. Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, 2019.*

_____. Well, we're all eating chá'guan now. In: FLORES, E. *et al.* Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 277-279, 2019.

GLOSBE DICTIONARY. Disponível em: <<https://glosbe.com/ch/en/Haole>>. Acesso em: 18 set. 2022.

GUAM (território). Commission on CHamoru Language and the Teaching of the History and Culture of the Indigenous People of Guam. “Chamorro Grammar” As Dr. Sandra Chung. Disponível em: <<https://kumisionchamoru.guam.gov/guinaha-resources/chamorro-grammar-dr-sandra-chung>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

GUERRERO, V. M. L. An Open Letter to America. *Boston Review*. Boston, 11 ago. 2017. Disponível em: <<https://bostonreview.net/articles/victoria-lola-m-leon-guerrero-open-letter-america/>>. Acesso em: 17 jul. 2022.

HERMAN, D. Inscribing empire: Guam and the War in the Pacific National Historical Park. *Political Geography*, n. 27, p. 630-651, 2008.

_____. A Brief, 500-Year History of Guam. *Smithsonian Magazine*. Washington DC. 15 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/smithsonian-institution/brief-500-year-history-guam-180964508/>>. Acesso em: 24 set. 2022

IRIARTE, L. Z. I Tinituhon/The Beginning. In: FLORES, E. *et al.* Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 9-13, 2019.

MANIBUSAN, C. L. A. Auntie Lola's Champion Chalakiles. In: FLORES, E. *et al.* Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 293-298, 2019.

MATTOS, D. O Estudo Científico de Culturas para fins de tradução. In: MATTOS, Delton (Ed). *Cultura e Tradutologia*. Brasília: Thesaurus, p. 7–26, 1983.

MAYER, G. O valor do reconhecimento cultural-científico dos textos literários. In: MATTOS, Delton (Ed). *Cultura e Tradutologia*. Brasília: Thesaurus, p, 27–41, 1983.

MICRONESIA. Wikipedia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Micronesia>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

OKADA, S. I. Return to the Sea. In: FLORES, E. *et al.* *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 36-39, 2019.

ONEDERA, P. R. Cheffla gi i Manglo. In: FLORES, E. *et al.* *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 151-153, 2019.

_____. Nasarinu. In: FLORES, E. *et al.* *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 154-157, 2019.

PEREZ, C. T. Inside Out. In: FLORES, E. *et al.* *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 81-83, 2019.

PORTO ALEGRE (Município). Departamento Municipal de Água e Esgotos. Lago Guaíba. Disponível em: <https://www2.portoalegre.rs.gov.br/dmae/default.php?p_secao=197>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SHVILI, J. Where is Micronesia? WorldAtlas. 19 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.worldatlas.com/articles/what-is-micronesia.html>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

VENTURA, D. T. Hineksa Anonymous. In: FLORES, E. *et al.* *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 308-310, 2019.

VINESOR, G. R. *Native American literature: a brief introduction and anthology*. Nova Iorque: HarperCollins College Publishers, 1995.

ANEXOS

ANEXO A – Tradução de *Auntie Lola's Champion Chalakiles*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Auntie Lola's Champion Chalakiles	Os <i>chalakiles</i> campeões da Titia Lola
<i>Charissa Lynn Atalig Manibusan</i>	<i>Charissa Lynn Atalig Manibusan</i>
<p>The pungent smell of garlic and onions floated out from the campus cafeteria, breaking off Isa's concentration from her Bio101 study guide and transporting her thousands of miles away from the wintry Boston weather into her Auntie Lola's worn outside kitchen on her beloved island of Guam.</p>	<p>O intenso cheiro de alho e cebola dominava a cafeteria do campus, tirando a concentração de Isa dos livros de Biologia e a transportando para longe do inverno de Boston, de volta à cozinha que ficava do lado de fora da casa de sua Titia Lola, na sua amada ilha de Guam.</p>
<p>If there was anything she missed badly since moving to Boston for School, aside from family and the warmth of a tropical sun, it was her darling Auntie Lola's culinary magic. The frying garlic and onion fusion summoned forth the homesickness she had managed to suppress that day, and the more-than-occasional cravings she had for Auntie Lola's Champion Chalakiles.</p>	<p>Se tinha algo que ela sentia falta desde que foi a Boston para estudar, fora sua família e o calor do sol. Sentia falta dos dons culinários, que eram praticamente mágicos, da sua tão querida Titia Lola. A fusão de alho e cebola frita despertou a saudade que ela tinha conseguido suprimir naquele dia e os desejos, mais do que frequentes, que ela tinha pelos <i>chalakiles</i> campeões da Titia Lola.</p>
<p>Chalakiles is a chicken-and-orange creamed rice stew that can chase away the blues from broken-hearted, or complement a cold day spent indoors in front of the tube, or, in Isa's case, a cold day spent studying for finals in an empty college cafeteria thousands of miles away from home.</p>	<p><i>Chalakiles</i> é um ensopado de arroz com creme de frango cor de laranja que consegue espantar a tristeza dos corações partidos, ou preencher um dia frio passado dentro de casa em frente à televisão, ou no caso de Isa, um dia frio estudando para as provas finais na cafeteria vazia da faculdade a milhares de quilômetros</p>

	de casa.
<i>One more day, just one more day till I'm leaving on a jet plane!</i> she thought.	<i>Mais um dia, só mais um dia até eu estar voltando para casa!</i> , ela pensou.
Dear Auntie Lola was the oldest child of ten and surrogate mother to all in her family. But most of all, she was Isa's closest confident. Standing a mere five feet tall, this jolly round spirit forever wore a comical gap-toothed grin and exuded a warmth equal to that of her signature dishes. Isa had tried futilely to replicate Auntie Lola's Chalakiles —with its perfect balance of flavors— since moving away. It was the little piece of home that she knew would heal the woes of her homesickness. But there was always something missing; she could never pinpoint exactly what. It was almost a year since she had been home. She planned to make the most of this trip and to learn to make her auntie's Chalakiles or die trying!	A tão amada Titia Lola era a irmã mais velha de dez irmãos e a figura materna para todos da família. Mas, acima de tudo, ela era a confidente de Isa. Com apenas um metro e meio de altura, Titia Lola era um espírito alegre e redondinho, que sempre exibia um cômico sorriso sem dentes e exalava conforto igual ao de seus tão famosos pratos. Isa já tinha tentado replicar inútilmente os <i>chalakiles</i> da Titia Lola —com o equilíbrio perfeito entre os sabores— desde que se mudou. Era o pedaço de casa que ela sabia que curaria a miséria da sua saudade. Mas sempre havia algo faltando; ela nunca conseguia dizer o que era exatamente. Já fazia quase um ano desde que ela tinha ido para casa. Isa planejava aproveitar ao máximo esta viagem e aprender a fazer os <i>chalakiles</i> da sua tia, ou ela ia morrer tentando!
Continental Flight 205 touched Guam ground at approximately 4 a.m. The thirteen hour (plus some) flight should have tired Isa, but she was more awake and excited than she had been in months. Tears soon streamed from her round amber eyes and down her face, pale from a long sunless winter, as she exited the arrival gate and found herself greeted with hugs and kisses from her nana, tata, brother Joey, and dear Auntie Lola, who carried a thermos full of	O voo Continental 205 pousou em Guam perto das 4 horas da manhã. As treze horas (um pouco mais) de voo deveriam ter deixado Isa cansada, mas ela estava mais acordada e animada do que esteve nos últimos meses. Lágrimas logo escorreram dos seus olhos castanhos, caindo pelo seu rosto pálido de um longo inverno sem sol. Enquanto ela saía do desembarque, era recebida por diversos abraços e beijos da sua nana, seu tata, seu irmão Joey e

<p>Chalakiles in her waiting hands as Isa had requested.</p>	<p>sua tão querida Titia Lola, que tinha um pote cheio de <i>chalakiles</i> nas mãos, do jeitinho que Isa havia pedido.</p>
<p>“Ai, nene, let’s get some color in you, adai. You’re looking pretty haole! This should do the trick!” Auntie Lola joked as she handed Isa the thermos.</p>	<p>—Ai, nene²⁴, vamos colocar um pouco de cor em você, adai²⁵. Você está parecendo um daqueles haole! Isso deve resolver! —Titia Lola brincou enquanto alcançava o pote para Isa.</p>
<p>“Si Yu’os, Ma’ase Saina-hu! Guiya hao!”</p>	<p>—Si Yu’os, Ma’ase Saina-hu! Guiya hao!²⁶</p>
<p>“Come to my house when you get over your jet lag, baby, and I’ll teach you how to make it! Ai adai, I would have thought you would’ve figured it out by now, after being my number one cook’s helper growing up!” Auntie Lola teased as they left the airport for home.</p>	<p>—Venha para a minha casa quando passar o seu jet lag, meu bem, e eu vou te ensinar a como fazer os chalakiles! Ai adai, achei que já teria descoberto, depois de ser minha ajudante número um enquanto crescia! —Titia Lola a provocou enquanto eles saiam do aeroporto e seguiam para casa.</p>
<p>Isa returned from New Morning Mart with all the necessary ingredients Auntie Lola sent her to retrieve: a bag of achiote seeds, garlic, salt, black pepper, two yellow onions, a can of coconut milk, chicken broth, and cream of rice. Her dear aunt already had the chicken parts cut up and sitting in a Tupperware bowl, awaiting their delicious transformation. Isa was thrilled that Auntie Lola was willing to teach her her culinary secret, but not the least surprised. Auntie Lola had always been such a generous spirit. In fact, everyone knew that she was the</p>	<p>Isa voltou do mercado <i>New Morning</i> com todos os ingredientes que Titia Lola mandou buscar: um saco de sementes de achiote, alho, sal, pimenta preta, duas cebolas, um vidro de leite de coco, caldo de galinha e creme de arroz. Sua tão querida tia já tinha cortado os pedaços da galinha e colocado em um pote, para aguardar pela sua deliciosa transformação. Isa estava realizada que sua Titia Lola estava disposta a ensiná-la seu segredo culinário, mas nem um pouco surpresa. Titia Lola sempre foi um espírito muito generoso. Na verdade, todos</p>

²⁴ bebê.

²⁵ meu Deus.

²⁶ —Obrigada, minha senhora! Amo você!

<p>rock that had held the family together ever since Grandma Banki and Grandpa Ben died. Her nana had told her on the day of her grandpa's funeral a year after Grandma Banki's passing that he had never really been able to take being apart from Grandma for too long.</p>	<p>sabiam que ela era a cola que mantinha a família unida desde que a Vovó Banki e Vovô Ben morreram. Sua mãe disse a ela no dia do enterro do seu avô, um ano depois do enterro da Vovó Banki, que ele nunca conseguiu ficar muito tempo separado da Vovó.</p>
<p>Isa could smell the love of many a comfort food made in her auntie's <i>kusinan sanhiyung</i>. The aroma was embedded in the hut-like structure's ironwood posts, which held up its rusted tin roof. The old outside kitchen was just as Isa remembered it. Heavy silver cast-iron pots that had lost their shine years ago hung from the same nails hammered into the dark brown wood posts next to the makeshift sink. A timeline of family photos lined the concrete walls next to the main house's back door, which led to the outside kitchen. Isa spotted the picture of herself blowing out the candles of her tenth birthday cake with her cousins huddled around her. It hung in the same it had for years, just below the picture of Auntie Lola's only daughter, Nona, at the baby shower they had thrown for Auntie Lola's first grandson, Frankie boy, ten years ago. She touched the numerous frames, overcome by nostalgia, and breathed in the scent of Auntie Lola's pink and purple orchids, which hung all along the sides of the outside kitchen.</p>	<p>Isa podia sentir o amor nos muitos cheiros reconfortantes das comidas que sua tia fazia na <i>kusinan sanhiyung</i>²⁷. O aroma estava impregnado nos postes de madeira, a cozinha tinha a estrutura semelhante a uma cabana, que sustentava seu telhado de zinco enferrujado. A velha cozinha do lado de fora da casa estava exatamente como Isa lembrava. Pesadas panelas prateadas de ferro fundido, que perderam o brilho anos atrás, continuavam penduradas nos mesmos pregos, que estavam martelados nos postes de madeira marrom escura ao lado da pia improvisada. Uma linha do tempo de fotos da família estava alinhada nas paredes de concreto ao lado da porta dos fundos da casa principal, que levava a cozinha na rua. Isa viu sua foto soprando as velas do bolo com os seus primos a sua volta. Permaneceu no mesmo lugar por anos, abaixo da foto da única filha da Titia Lola, Nona, no chá de fralda que eles deram para o primeiro neto da Titia Lola, Frankie, há dez anos atrás. Ela tocou as inúmeras molduras, dominada pela nostalgia, respirando o perfume das</p>

²⁷ É uma cozinha que fica na rua, extremamente comum nas casas de Chamorro. Geralmente feita de madeira ou concreto.

	orquídeas rosas e roxas de Titia Lola, que pendiam dos lados da cozinha na rua.
Auntie Lola motioned her now to the tar-encrusted gas burner standing on the right side of the sink. Isa moved toward her auntie, anticipating the <i>Aha!</i> moment when she would finally discover the secret ingredients to her auntie’s Chalakiles that had eluded her thus far. She pulled a wooden cutting board from the dish rack and stood beside her in anticipation.	Titia Lola apontou para a boca de gás incrustada de alcatrão do lado direito da pia. Isa se aproximou dela, prevendo o <i>Aha!</i> quando ela finalmente descobriria os ingredientes secretos para os <i>chalakiles</i> de sua tia, que vinha a evadindo até agora. Ela pegou uma tábua de madeira do suporte de pratos e ficou ao lado dela em antecipação.
“The key, <i>haga-hu</i> , is to have all your ingredients prepared beforehand: chop your onions and garlic, prep your achiote, salt your chicken and all that stuff... Just makes for less hassle.”	—O segredo, <i>haga-hu</i> ²⁸ , é ter todos os ingredientes prontos de antemão: pique a cebola e o alho, prepare as sementes de achiote, tempere a galinha e tudo mais... Isso facilita as coisas.
And that’s where Isa came in as designated chopper, a role she remembered well from her runny-nose days. Although she had moved up the chain since then, Auntie Lola still obviously outranked her. So back to her chopping fate she went! She was thrilled. Heh! Isa had been a chopper since she could remember, since she was able to hold a fork in her hand.	E foi aí que Isa se tornou a designada para cortar os temperos, um papel que ela se lembrava de fazer desde os seus dias de nariz escorrendo. Apesar de ela ter subido de posto, Titia Lola ainda a superava. Então ela voltou para o seu destino de cortar os temperos! Ela estava realizada. Uhu! Isa vinha sendo a responsável por cortar desde de sempre, desde que ela tinha idade o suficiente para segurar um garfo.
<i>You would think that a responsible, rational adult would be concerned about handing a little kid a knife, but oh no, not in my family, she thought as she reminisced on her beloved</i>	<i>Você pensaria que um adulto responsável e racional se preocuparia em dar uma faca para uma menina, mas não, não na minha família, ela pensou enquanto lembrava dos seus</i>

²⁸ minha menina.

<p>childhood hole. <i>If you were able-bodied, you were put to good use</i>, she rationalized.</p>	<p>adorados papéis na infância. <i>Se você era fisicamente capaz, você era colocado para trabalhar</i>; ela refletiu.</p>
<p>But sitting at the table, chopping away at the tons of vegetables and whatever else the elder women in her family threw at her, wasn't always a pain in the <i>dagan</i>. It had its perks: the kitchen table was gossip central! As long as she sat there quietly chop-chop-chopping away, the elder women would almost forget that she was there and she could get the heads-up on all the secret family and political drama. When they finally remembered that she existed and had ears to boot, or when they had something highly top secret to tell, they would switch from English to Chamorro mid-conversation.</p>	<p>Mas sentar à mesa, cortando diversos legumes e o que mais as mulheres mais velhas de sua família jogavam nela, não era sempre um pé no <i>dagan</i>²⁹. Tinha suas vantagens: a mesa da cozinha era a central das fofocas! Contanto que ela se sentasse lá, quietinha, picando-picando, as mulheres mais velhas quase esqueceriam que ela estava lá e ela poderia ficar sabendo de todos os segredos da família e os dramas políticos. Quando elas finalmente lembravam que ela existia e tinha ouvidos, ou quando elas tinham algo extremamente secreto para contar, elas mudavam do inglês para o chamorro no meio da conversa.</p>
<p>She giggled to herself now as she prepared to chop the onions, remembering how she would sit there watching their facial expressions and listening for words she could understand—trying to piece things together. It was like playing a game of charades.</p>	<p>Ela riu consigo enquanto se preparava para picar as cebolas, lembrando de quando ela sentava lá, assistindo as expressões faciais e ouvindo as palavras que ela conseguia entender—tentando juntar os pedaços. Era como jogar um jogo de charadas.</p>
<p>She thought about the time she had overheard her nana and Auntie Lola talking about her godfather, Uncle Ben. Uncle Ben was their youngest and most handsome brother, and Isa's favorite uncle. He had the brightest dimpled smile and brown eyes she had ever seen, and</p>	<p>Ela pensou na época em que tinha ouvido por acaso sua mãe e sua Titia Lola falando sobre seu padrinho, o Tio Ben. Tio Ben era o irmão mais novo e o mais bonito, era também o tio favorito de Isa. Ele tinha o sorriso com covinhas e os olhos castanhos mais brilhantes</p>

²⁹ nádegas.

<p>always gave her ten dollars or more whenever they visited them.</p>	<p>que ela já tinha visto e sempre a dava dez dólares ou mais quando os visitava.</p>
<p>He was the “big” man at the bank where he worked and so was always dressed in what Nana called his Sunday best. He smelled sweet, like cigars and old spice.</p>	<p>Ele era uma das pessoas importantes no banco onde trabalhava, estava sempre vestido no que a sua mãe chamava de roupa de domingo. Ele também tinha um cheiro doce, como de charutos e temperos velhos.</p>
<p>Auntie Lola and Nana had whispered while they prepared the red rice for her cousin Matmat’s christening about how he was cheating on Auntie Rita with his secretary.</p>	<p>Titia Lola e sua mãe sussurravam enquanto preparavam o arroz vermelho para o batizado do seu primo Matmat. Elas estavam falando que seu tio estava traindo Titia Rita com a secretária dele.</p>
<p>Matmat was Uncle Ben and Auntie Rita’s first baby and Isa’s godbrother. In a scornful whisper, the kind that Nana used to scold her when she was misbehaving in church, Auntie Lola called his secretary a “stinky sex-satary”, and Nana followed by calling her a “fuckin’ puta!”</p>	<p>Matmat era o primeiro filho do tio Ben e da Titia Rita, ele e Isa poderiam ser considerados irmãos por parte do batizado, pois o padrinho de Isa era o pai de Matmat. Em um sussurro desdenhoso, do tipo que sua mãe usava quando queria a repreender na igreja, Titia Lola chamou a secretária dele de “sexo-tária fedorenta”, sua mãe a acompanhou, chamando a secretária de “puta maldita!”</p>
<p>Isa had felt so sorry for her Auntie Rita, but she was angrier at her once-favorite uncle. She had contemplated telling on him, but she knew how much trouble she would be in if she did. Instead, she decided to forever ignore him, even refusing to <i>ahmen</i> him when she was prompted by her tata at Matmat’s christening party. She had stayed in the outside kitchen the whole night, refusing to join the celebration being held in the front yard of Auntie Lola’s</p>	<p>Isa sentiu pena da Titia Rita, mas ela estava mais brava ainda com quem uma vez foi o seu favorito, o seu tio Ben. Ela pensou em contar, mas sabia em quantos problemas ela se enfiaria se fizesse. Ao invés disso, ela decidiu que sempre o ignoraria, ela até mesmo recusou <i>ahmen</i> dele quando seu pai mandou que ela aceitasse no batizado de Matmat. Ela ficou na cozinha do lado de fora da casa a noite toda, se recusando a participar da festa que estava tendo</p>

house.	na frente da casa da Titia Lola.
<p>That night, Uncle Ben had teased her for ignoring him, telling her that she was being jealous of the attention Matmat was getting from him. As he turned his back and walked away from her, Isa had wiped the tears of scorn from her eyes and called him a “stinky fuckin’ puta,” using the same scornful tone Auntie Lola and her nana had used, but at a volume far from church whisper.</p>	<p>Naquela noite, o tio Ben brincou sobre ela estar o ignorando, dizendo que ela estava com ciúmes da atenção que Matmat estava recebendo dele. Conforme ele virava as costas para ela e se afastava, Isa enxugou as lágrimas de desprezo de seus olhos e o chamou de “puta fedorenta”, usando o mesmo tom desdenhoso que Titia Lola e sua mãe haviam usado, mas em um volume longe de ser um sussurro igual ao que elas faziam na igreja.</p>
<p>After the party was over she accepted, with her arms crossed and her lips tightened to muffle her cries of pain, the four lashings her tata had administered with his thick leather belt.</p>	<p>Depois que a festa acabou, ela aceitou com os braços cruzados e a boca apertada para abafar seus gritos de dor, as quatro chicotadas que seu pai deu nela com o cinto de couro grosso.</p>
<p>Auntie Lola, having more than a hunch of where she’d picked up the dirty words, quickly came to her defense, telling tata and Uncle Ben, “She learned it from her elders! Don’t punish her for that! And it’s not like she’s lying either, Ben, so don’t you have my girl punished for telling the truth!”</p>	<p>Titia Lola, tendo mais do que um palpite de onde ela havia aprendido as palavras sujas, veio rapidamente em sua defesa, dizendo ao pai dela e ao tio Ben:</p> <p>—Ela aprendeu isso com os mais velhos! Não a castigue por isso! E não é como se ela estivesse mentindo também, Ben, então não faça minha menina ser punida por falar a verdade!</p>
<p>Tata had never spanked her in front of Auntie Lola again, and Isa, in turn, had never accepted anything from Uncle Ben again. He had tried to shower her with gifts and money for a whole week after, explaining to her nana that he had just felt really bad and didn’t want his goddaughter to hate him. But Isa believed that</p>	<p>Tata nunca mais bateu nela na frente da Titia Lola de novo, e Isa, em retorno, nunca mais aceitou nada do tio Ben de novo. Ele tentou ganhá-la com presentes e dinheiro por uma semana inteira depois do acontecimento, dizendo a mãe dela que ele se sentia muito mal pelo o que aconteceu e não queria que sua</p>

<p>it had more to do with him being worried about what she might have discovered about him.</p>	<p>afilhada o odiasse. Mas Isa acreditava que aquilo tinha mais a ver com o fato de que ele estava preocupado com o que ela poderia ter descoberto sobre ele.</p>
<p>After washing the onions and garlic and dampening her knife to soften the sting of onion spray (a lesson learned after many years of chopping), Isa diced through a whole clove of garlic and two onions. Auntie Lola took great care to wash the chicken parts, scraping away as much of the fat as she could.</p>	<p>Depois de lavar as cebolas e o alho, ela umedeceu a faca para suavizar o gás que a cebola solta (essa lição foi aprendida depois de muitos anos como encarregada dos cortes dos legumes), Isa cortou em cubos um dente de alho e duas cebolas. Titia Lola teve muito cuidado ao lavar as partes do frango, tirando todas as gorduras que pôde.</p>
<p>“You don’t want your soup too oily, babe, and it’s just not healthy. You know your Uncle Ben—boy, does he love that. Look at him now—fat as a cow, and his heart... Sus-Marion-Jose!”</p>	<p>—Você não quer que a sopa seja muito oleosa, querida, isso não é saudável. Você sabe que o seu tio Ben, garoto, ele adora isso. Mas olhe para ele agora, gordo que nem um porco e o coração... Jesus-Maria-José!</p>
<p><i>Karma</i>, Isa thought as Auntie Lola furiously rubbed salt and pepper into the chicken, as if to resuscitate the dead bird. Isa tried to observe just how much spice she added, but it was a fruitless endeavor. Auntie Lola didn’t measure her ingredients—she never did. Her explanation of the process didn’t help much either.</p>	<p><i>Isso é carma</i>, Isa pensou enquanto Titia Lola esfregava furiosamente o sal e a pimenta preta no frango, como se quisesse ressuscitar a ave morta. Isa tentou observar quanto de tempero ela colocava, mas foi inútil. Titia Lola não media a quantidade dos seus ingredientes—ela nunca fazia isso. A explicação dela não ajudava muito também.</p>
<p>“Nene girl! You just make a Z-like motion over the chicken with the salt and shake the black pepper about six times and massage it all in really good!”</p>	<p>—Minha garotinha! Basta fazer um movimento tipo Z sobre o frango com o sal e sacudir a pimenta preta cerca de seis vezes e massagear tudo bastante!</p>
<p>Auntie Lola washed her hands of that task and</p>	<p>Titia Lola lavou as mãos depois de terminar de</p>

<p>started to prepare the achiote water, rubbing the red out from the tiny seeds under warm, running water into a ruby-stained plastic bowl while a pot of boiling water waited on the gas stove.</p>	<p>temperar o frango e começou a preparar a água para o achiote. Esfregando o vermelho das sementes minúsculas com água corrente e quente em uma tigela de plástico de cor rubi, enquanto uma panela de água fervente ficava no fogão.</p>
<p>“The water’s for the cream of rice,” she said, motioning to it. “Let it boil and then slowly stir in half a box, okay?”</p>	<p>—A água é para o creme de arroz. —ela disse gesticulando para a panela— Deixe ferver e então mexa lentamente, tá bom?</p>
<p>Auntie Lola watched over Isa’s shoulder as she obeyed her command, lamenting meanwhile about how it was done in the old days.</p>	<p>Titia Lola observou Isa através do ombro, enquanto ela seguia seus comandos, lamentando sobre como isso era feito nos velhos tempos.</p>
<p>“Ai girl, you know the <i>antigu</i> way is to grind the rice and roast it over the fire. If you ever tasted it the way Great-Grandma made it, you would know the difference. Nowadays we choose the easy way for everything. Lazy nai!”</p>	<p>—Ai garota, você sabe que o <i>antigu</i>³⁰ jeito é moer o arroz e assá-lo no fogo. Se você já provou do jeito que a bisavó fazia, você saberia a diferença. Hoje em dia escolhemos o caminho mais fácil para tudo. Preguiçosos nai!</p>
<p>Isa was surprised by this bit of information. She had always assumed that Auntie Lola’s way was as traditional as it got. Her Chalakiles was better than any others Isa had ever tried.</p>	<p>Isa estava surpresa com aquela informação. Ela sempre achou que a Titia Lola era a favor da tradição. Seus <i>chalakiles</i> eram os melhores que ela já havia provado.</p>
<p>After that task was completed, it was time to brown the chicken. In a medium-sized stew pot, Auntie Lola heated about three tablespoons of canola oil and threw in the chopped garlic and onions. Isa closed her eyes and breathed in as the aroma of the garlic and onion infusion filled the air. Her mouth</p>	<p>Depois que tudo estava pronto, era a hora de dourar o frango. Em uma panela de ensopado de tamanho médio, Titia Lola aqueceu cerca de três colheres de sopa de óleo de canola e jogou o alho picado e a cebola. Isa fechou os olhos e sentiu o aroma da fusão de alho e cebola no ar. Sua boca chegou a salivar.</p>

³⁰ antigo.

watered.	
<p>She remembered how, after she had been helping in the kitchen all weekend long, the smell would get stuck on her fingers, in her hair and her clothes. She would scrub her hands constantly, trying to get the smell out. If the smell wasn't out by Sunday night, as a last resort she would soak her fingers in bleach and water. It was a choice between going to school smelling like onions and garlic or like the school cafeteria floor after the lunch ladies had mopped it. Either way, she would get teased by her classmates, particularly, a boy named Jose Cruz, who often called her <i>mutung finger girl</i>. Years later in high school, he confessed to having a big crush on her. She showed him her <i>mutung</i> finger, particularly the middle one.</p>	<p>Ela lembrou como, depois de ficar ajudando na cozinha o final de semana todo, o cheiro ficava nos seus dedos, no seu cabelo e nas suas roupas. Ela esfregava as mãos constantemente, tentando tirar o cheiro. Se o cheiro não saísse até domingo de noite, ela lavava os dedos com água sanitária como último recurso. Era uma escolha entre ir para a aula cheirando a cebola e alho ou como o chão do refeitório da escola depois que as merendeiras limpavam. De qualquer jeito, ela era zoada pelos seus colegas, especialmente por um menino chamado Jose Cruz, que a chamava frequentemente de menina dos dedos <i>mutang</i>³¹. Anos depois, no ensino médio, ele admitiu ter tido uma queda por ela. Ela mostrou para ele o seu dedo <i>mutang</i>, em particular, o dedo do meio.</p>
<p>“Mmm -the smell of love!” Auntie Lola giggled as she stirred the mixture, throwing in the chicken as the onions turned clear.</p>	<p>—Mmm, o cheiro do amor! —Titia Lola riu enquanto misturava a comida, colocando o frango conforme as cebolas iam fritando.</p>
<p>She stirred until all the chicken parts were browned on both sides and then added the achiote water and chicken broth into the mix. She immediately covered the pot as the ingredients danced in the simmering water.</p>	<p>Ela mexeu até que todas as partes do frango estivessem douradas dos dois lados e depois, colocou a água do achiote e o caldo de galinha na mistura. Ela logo cobriu a panela enquanto os ingredientes dançavam na água fervente.</p>
<p>“Come sit now, babe, and let it boil. You want your chicken to be tender, falling off the bone almost.”</p>	<p>—Venha sentar agora, meu bem, deixe tudo cozinhar. O frango precisa ficar macio, quase soltando do osso.</p>

³¹ fedorento.

<p>They sat and transitioned naturally from cooking mode to conversation. Auntie Lola opened up the bag of sweet bread sitting on the table and offered it to Isa along with a cup of warm calamansi tea that she brewed herself. She usually had her bread with coffee, but had given that up about two years before Isa left for college.</p>	<p>Elas sentaram e mudaram naturalmente do modo cozinha para o modo conversa. Titia Lola abriu o saco de pão doce que estava na mesa e ofereceu a Isa uma xícara de calamondin que ela mesma preparou. Ela geralmente comia seu pão com café, mas havia mudado o hábito dois anos antes de Isa ir para a faculdade.</p>
<p>“So, how are you, nene? How 's school?”</p>	<p>—Então, como você está, nene? Como vai a escola?</p>
<p>“Fine. Just really missing home.”</p>	<p>—Bem. Eu só sinto muita saudade de casa.</p>
<p>“Ai Haga-hu, I know you’re <i>mahalang</i> right now, but just hang in there. You’ll be fine. Ai, I’m so proud -you were always a smart girl. <i>Aguguat</i>, but smart!”</p>	<p>—Ai Haga-hu, eu sei que você está <i>mahalang</i>³² agora, mas agunte firme. Você vai ficar bem. Ai, estou tão orgulhosa. Você sempre foi uma garota esperta. <i>Aguguat</i>³³, mas inteligente!</p>
<p>They both laughed, and Isa’s eyes started to water as she struggled to hold back from confessing the utter loneliness that had accompanied her since leaving for school.</p>	<p>As duas riram. Os olhos de Isa começaram a lacrimejar, enquanto ela lutava para não confessar a absoluta solidão que a acompanhava desde que foi para a faculdade.</p>
<p>“Man, darn onions.” Auntie Lola placed her hands on Isa’s, giving them a reassuring squeeze.</p>	<p>—Cara, essas cebolas são danadas. —Titia Lola disse, enquanto dava um aperto carinhoso no ombro de Isa.</p>
<p>After about thirty minutes or so, it was time to add in the cream of rice. Auntie Lola lowered the heat of the chicken and slowly stirred in the creamy concoction.</p>	<p>Depois de mais ou menos trinta minutos, estava na hora de colocar o creme de arroz. Titia Lola baixou o fogo do frango e lentamente mexeu a mistura cremosa.</p>
<p>“We stir it in really good and then let it simmer</p>	<p>—Nós mexemos bastante e depois deixamos</p>

³² Sozinha.

³³ Danadinha.

<p>on low heat for about fifteen minutes,” she stated matter-of-factly. She then pulled out three boonie peppers from the outside fridge and cut them up finely, taking great care to wash the seeds out, and then threw them into the pot.</p>	<p>ferver em fogo baixo por cerca de quinze minutos, —ela disse com naturalidade. Ela, então, tirou três pimentas dedo de moça da geladeira e as cortou bem fininhas, tomando muito cuidado para lavar as sementes fora, e então as jogou na panela.</p>
<p>“How many peppers you want to add is up to you, baby. But be careful adai! If you put too many, it’s going to be <i>Chilli-kill-us</i>, not <i>Chalakiles!</i>”</p>	<p>—A quantidade de pimenta que você quer usar é você quem decide, meu bem. Mas tome cuidado, adai! Se colocar demais, isso vai ser <i>Shii-isso-vai-nos-matar</i> e não <i>chalakiles!</i></p>
<p>They both laughed, and Isa realized just how much she missed her auntie’s company.</p>	<p>As duas riram e Isa percebeu o quanto ela sentia falta da companhia da tia.</p>
<p>The final step to completing the hearty homesickness elixir had arrived. Auntie Lola shook the can of coconut milk frantically before pouring it into the aromatic soup. She turned off the burner and made a point of emphasizing not to add the coconut milk until the end or until it was time to serve the food.</p>	<p>O último passo para completar o elixir da saudade havia chegado. Titia Lola sacudiu o vidro de leite de coco antes de despejá-la na sopa cheirosa. Ela deixou claro que não pode colocar o leite de coco enquanto a comida estiver no forno, é preciso primeiro desligar ou esperar até que a comida esteja servida.</p>
<p>Auntie Lola grabbed two bowls from the dish rack and filled the rim from the pot of culinary gold. Isa retrieved the <i>finadenne</i> from the fridge, setting it on the table alongside two glasses of iced calamansi tea and two spoons. She sat thankfully as Auntie Lola offered a prayer. This was the moment that Isa had craved for almost a year, and Auntie Lola did not disappoint. In fact, Isa could not recall a time when she had.</p>	<p>Titia Lola pegou duas tigelas da prateleira de pratos e encheu até a borda dourada. Isa tirou o <i>finadenne</i>³⁴ da geladeira, colocando-o na mesa ao lado de dois copos de chá gelado de calamondin e duas colheres. Ela sentou-se, agradecida, enquanto Titia Lola fazia uma oração. Esse foi o momento que Isa mais desejou durante quase um ano e a sua Titia não decepcionou. Na verdade, Isa não conseguia lembrar alguma vez em que isso aconteceu.</p>

³⁴ Molho feito com vinagre, molho de soja e pimentas.

<p>The food was utterly delicious, more so than she remembered: a perfect infusion of spices, vegetables, and chicken. She poured a spoonful of <i>finadenne</i> into her bowl for extra kick, while Auntie Lola ate hers with chilli peppers on the side.</p>	<p>A comida estava absolutamente deliciosa, mais do que ela se lembrava: uma fusão perfeita de temperos, legumes e frango. Ela colocou uma colher cheia de vinagrete na sua tigela para garantir, enquanto Titia Lola comia o dela com pimenta malagueta do lado.</p>
<p>“Sainan Ma’ase, Auntie. It is beyond delicious!”</p>	<p>—Sainan Ma’ase³⁵, Titia! Está além de delicioso!</p>
<p>“No problem, nene. I’m just glad that you are so willing to learn. Now when I die, I know that at least my Champion Chalakiles will live on!” She said jokingly.</p>	<p>—Que bom, nene. Estou feliz que você está disposta a aprender. Agora quando eu morrer, eu sei que pelo menos os meus <i>chalakiles</i> campeões vão viver! —Ela disse brincando.</p>
<p>“You know, Auntie, it’s funny ‘cause I really thought that maybe there was a secret ingredient that you added that made it so good. But there really isn’t. I thought I was being privileged because I’m your <i>kirida!</i>” she teased.</p>	<p>—Sabe, Titia, é engraçado, porque eu realmente pensei que tinha algum ingrediente secreto que você colocava que fazia ficar tão bom. Mas não tinha. Acho que eu estava sendo privilegiada porque sou sua <i>kirida</i>³⁶! —ela brincou também.</p>
<p>Auntie Lola laughed. “Ai haga-hu, you are my <i>kirida</i> and also a very perceptive girl. I think you already know what makes my Chalakiles champion.”</p>	<p>Tia Lola riu. —Ai haga-hu, você é minha <i>kirida</i> e também uma garota muito perceptiva. Acho que você já sabe o que faz os meus <i>chalakiles</i> sempre serem campeões.</p>

³⁵ Termo referente a gratitude, significa “os mais velhos são gratos”.

³⁶ querida.

ANEXO B – Nota de apoio para *Auntie Lola's Champion Chalakiles*

A tradução a seguir do conto *Auntie Lola's Champion Chalakiles* de Charissa Lynn Atalig Manibusan faz parte da antologia *Indigenous Literature from Micronesia*, um livro editado por Evelyn Flores e Emelighter Kihleng em 2019 com o intuito de apresentar a cultura, a tradição e a literatura dos povos da Micronésia. A região está localizada no Pacífico, entre as Filipinas, a Polinésia, a Melanésia e o Japão. O nome dado ao local vem do grego “ilhas pequenas” e possui por volta de 2.000 ilhas. Guam, a ilha onde o conto se passa, é atualmente território estadunidense, entretanto, em 1521 foi colonizada pela Espanha. A colonização espanhola durou até 1898 no Tratado de Paris, no final da Guerra Hispano-Americana, quando o território passou a ser estadunidense. O domínio estadunidense durou até 1941 quando a ilha foi atacada, no mesmo dia que Pearl Harbor, e passou três anos sob domínio japonês. Em 1944, os Estados Unidos recuperou o território e, desde então, Guam segue pertencendo aos estadunidenses.

Como a ilha foi colonizada duas vezes, é possível ver que ambas as colonizações influenciaram tanto a história quanto a cultura da ilha e, conseqüentemente, a sua língua. Em Guam, a língua nativa é o chamorro —este também é o nome do povo da ilha—, mas o inglês também é uma das línguas do local. Mesmo sendo colonizada primeiramente pelos espanhóis, os chamorros não falam espanhol. Isto acontece porque quando a colonização estadunidense começou, as palavras do espanhol foram inseridas no chamorro, palavras como “*kirida*”, “*antigu*”, “*primu*”, “*bunita*” e “*biscocho*” fazem parte do vocabulário do povo da ilha. Outras palavras como “*nene*”, que vem do espanhol e é usada pelos mais velhos com crianças e adolescentes de uma forma carinhosa. Em contrapartida, “*nana*” e “*tata*” são usados pelos mais novos, significando “mãe” e “pai”, respectivamente. No conto a seguir, a autora trouxe diálogos e palavras em chamorro, na maioria dos casos, as palavras estavam em itálico e possuem uma nota de rodapé com a tradução para português.

A ilha de Guam foi primeiramente colonizada pelos espanhóis e, por conseguinte, a maioria dos habitantes é católico. Por esta razão, encontramos no texto termos como “padrinho” e “afilhada”, entretanto, o termo utilizado no original “godbrother” não possui tradução equivalente para o português, portanto, na tradução existe uma explicação sobre este termo: pessoas que são vistas como irmãos pelo lado do batizado quando o pai de um é o padrinho do outro.

Guam é atualmente território estadunidense e a personagem principal do conto, Isa, está estudando nos Estados Unidos e, é importante ressaltar, isso é bastante comum para os chamorros, já que é visto que uma boa educação se encontra apenas na terra do colonizador. No conto a seguir, Isa irá cozinhar com sua Titia Lola um prato bastante famoso e tradicional da ilha, os Chalakiles,

uma sopa com frango e arroz. Para os chamorros, o ato de cozinhar é considerado sagrado. A comida é muito importante para este povo, é por onde eles demonstram carinho, amor e cuidado. É um meio pelo qual, além da língua, eles se reconhecem como chamorros.

Como o conto busca trazer os costumes do povo chamorro, a autora além de trazer a língua nativa da ilha, ela também trouxe a forma como eles realmente falam, ou seja, as interjeições usadas nos diálogos em Guam. Exemplos destas interjeições podem ser “*Adai*”, “*Ai*” e “*Nai*”. “*Adai*” pode significar “pelo amor de Deus” para expressar frustração, exasperação ou aborrecimento, também podemos encontrar “*ai*” sendo utilizado junto com “*adai*” durante os diálogos para dar um maior sentido de irritação. Já “*nai*” é utilizada para confirmar a afirmação anterior, bastante similar com o “né” utilizado em português.

Sendo assim, todas as marcações trazidas pela autora do conto, como as palavras e os diálogos em chamorro, as notas de rodapé com as traduções destas palavras, as interjeições, a comida apresentada no texto, e o ato de fazê-la, fazem parte da complexa e bela cultura chamorro.